



FCDEF FACULDADE DE CIÊNCIAS DO
DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E
SECUNDÁRIO**

MARISA ISABEL FERNANDES AMARAL

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA Nº2 DE SÃO SILVESTRE JUNTO DA TURMA 9ºB NO ANO LETIVO
2011/2012**

**COIMBRA
2012**

MARISA ISABEL FERNANDES AMARAL
2010110871

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA Nº2 DE SÃO SILVESTRE JUNTO DA TURMA 9ºB NO ANO LETIVO
2011/2012**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Miguel Fachada

COIMBRA
2012

Esta obra deve ser citada como:

Amaral, M. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica nº2 de São Silvestre junto da turma 9ºB no ano letivo de 2011/2012*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.

AGRADECIMENTOS

Não podia estar prestes a terminar a derradeira etapa académica da minha vida sem antes mostrar a minha gratidão a todas as pessoas que a tornaram possível e um pouco menos “penosa”. A todas essas pessoas o meu muito e sincero OBRIGADA!

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais e família por todo o apoio (financeiro também), por acreditarem em mim e nas minhas capacidades até ao fim.

Ao Mestre Miguel Fachada, pela sua disponibilidade para ajudar em tudo o que fosse possível, por tirar os “nós no cérebro” que muitas vezes surgiram ao longo deste ano, por todo o conhecimento transmitido e pela simpatia também.

Ao orientador da Escola Básica nº2 de São Silvestre, Professor Jacinto Silva, por todas as correções e críticas que me fizeram melhorar, pelo conhecimento que adquiri com a sua orientação, pelo acompanhamento diário durante todo o Estágio e pela paciência algumas vezes.

Aos colegas do Núcleo de Estágio: Tiago Alves, André Santos e Luís Cunhal; Por todo o apoio, pela amizade, pelas gargalhadas, pela boa disposição todos os dias, por tudo.

À turma 9ºB por me aceitarem rapidamente como sua professora e terem demonstrado sempre respeito por mim e porque apesar de serem umas pestes de vez em quando, foram uns alunos excelentes e ficarão para sempre no coração.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer a todos os amigos que de uma ou outra forma me ajudaram a ultrapassar da melhor maneira possível estes anos todos longe de casa. Aos amigos e colegas presentes desde a Licenciatura em Bragança: Cristiana, Tiago, João; Aos presentes desde o Mestrado: Joana, Gil, Zé; Às amigas de sempre: Soraia, Leo, Rute, Patrícia!

Ao Paulo, por tudo... pelo apoio, por acreditar em mim, por me aturar nos dias menos bons e menos maus, por estar sempre “presente”.

“O professor (...) deve ser capaz de ser o instrutor e o facilitador da aprendizagem, o expositor e o individualizador do ensino, o catalisador de relações humanas e o investigador, o que domina os conteúdos e o modo de os transmitir, o que ensina para se aprender e ensina a aprender a aprender (...), um actor, um educador cívico, social, moral, um modelo (...).”

Formosinho

RESUMO

Ser professor engloba uma parafernália de complexas funções e para o cumprimento de todas elas da melhor forma, é necessária uma preparação prévia, formação, aquisição de conhecimentos. É para responder a estas necessidades que o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário surge. Numa primeira fase (1º ano), aprendemos as bases teóricas, absorvemos matéria e conhecimento para pôr em prática na segunda fase (2º ano) no Estágio Pedagógico. É nesta segunda e última fase que decorre o mais importante, a prática, o contacto com a realidade.

Na minha realidade, surgiu uma turma de 9º ano, fim de ciclo portanto, para a qual houve a necessidade de investigação educacional no sentido de planificar unidades didáticas, organizar aulas motivantes, determinar as melhores estratégias para que cada aluno tenha possibilidade de atingir objetivos adequados a si próprios, após a análise da avaliação inicial.

Este relatório final de estágio surge no âmbito do Estágio Pedagógico inserido no plano de estudos do já referido Mestrado da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra em parceria com a Escola Básica nº 2 de São Silvestre onde este foi realizado e pretende refletir e resumir toda esta difícil mas compensadora etapa de aquisição de conhecimento e experiência na área do ensino da Educação Física.

Aqui constam as minhas expectativas iniciais relativamente ao estágio, as atividades desenvolvidas enquanto estagiária relativamente ao planeamento, realização e avaliação bem como a justificação de opções tomadas. Para além do já mencionado, encontra-se também a reflexão do processo de ensino-aprendizagem, as dificuldades sentidas e a forma de as superar.

Palavras-chave: Professor. Ensino. Estágio Pedagógico. Educação Física.

ABSTRACT

Being a teacher implies a lot of complex roles and in order to accomplish them it is necessary to have some previous preparation, information and knowledge gathering. It is to respond to this need that the Master in Teaching Physical Education to Elementary and Secondary Education was created.

In a primary stage (1st year), we acquire the theoretical basis, we absorb knowledge to use in the next stage (2nd year) in teaching practices. It is in this second and last year that occurs what is more important, the practice, the contact with reality.

In my case, I was given a 9th grade class, for which was necessary an educational investigation in order to proceed to the planning of the classes, construct motivational lessons, define the best strategies so each student can reach their own objectives, after the analysis of the initial evaluation.

This Final Report of Practice arises from the subject “Educational Practicum” inserted in the syllabus of the Master in Teaching Physical Education to Elementary and Secondary Education at the Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física at Universidade de Coimbra in partnership with the Elementary School n.2 of São Silvestre where it was developed and intended to show and resume this hard but rewarding acquisition of knowledge and practice in the area of Physical Education Teaching.

Here will be my initial expectations as well as the activities developed by me as an intern teacher according to planning, realization, evaluation and also the justification for every action taken. Besides, there will be also some thinking regarding the teaching-learning process, the issues appeared and the way I found to deal with them.

Keywords: Teacher. Education. Educational Practicum. Physical Education.

SUMÁRIO

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	11
2. EXPECTATIVAS PRÉ-ESTÁGIO	12
3. REALIDADE ENCONTRADA	13
4. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	17
4.1. Planeamento	18
4.1.1. Plano Anual	18
4.1.2. Unidades Didáticas.....	20
4.1.3. Planos de Aula.....	21
4.2. Intervenção Pedagógica/Realização	22
4.2.1. Balanços	27
4.2.2. Observações Inter-Estagiários/Orientador.....	27
4.2.3. Presenças e Sumários.....	28
4.3. Avaliação.....	29
4.3.1. Avaliação Diagnóstica	31
4.3.2. Avaliação Formativa	32
4.3.3. Avaliação Sumativa	32
4.4. Atitude Ético-profissional.....	33
5. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	36
5.1. Aprendizagens Realizadas.....	36
5.2. Inovação nas Práticas Pedagógicas	40
5.3. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução.....	42
6. APROFUNDAMENTO DE UM TEMA-PROBLEMA	43
6.1. Direito à Educação	44

6.2. Conceitos Essenciais	46
6.3. Estudo de Caso.....	46
7. IMPACTO DO ESTÁGIO NA COMUNIDADE ESCOLAR.....	51
8. CONCLUSÃO	52
9. BIBLIOGRAFIA.....	54
10. ANEXOS	56
10.1. Plano de Aula.....	56
10.2. Ficha de Registo	57
10.3. Grelha de Avaliação Diagnostica	58
10.4. Grelha de Avaliação Sumativa.....	59

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

Eu, Marisa Isabel Fernandes Amaral, aluna nº 2010110871 do MEEFEBS da FDCEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea “s” do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

1. INTRODUÇÃO

Este relatório final surge no âmbito da cadeira de Estágio Pedagógico inserida no plano de estudos do 2ºano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e pretende retratar o desenvolvimento do Estágio Pedagógico ao longo deste ano letivo de 2011/2012 na Escola Básica nº2 de São Silvestre.

O trabalho de um professor vai muito além da tarefa de dar aulas, tal como refere Hargreaves (1998), o trabalho dos professores é um “conjunto de tarefas e de relações humanas que estão estruturadas de formas particulares.” Ainda seguindo a linha deste autor, “a escola é um local de trabalho para os seus professores (...). Este local de trabalho encontra-se estruturado por via de recursos e relações que podem tornar o serviço mais fácil ou difícil, mais frutuoso ou fútil, mais compensador ou desanimador.” Coube-me a mim tornar o serviço fácil, frutuoso e compensador ao longo de todo o ano letivo tanto para mim como para os meus colegas e alunos.

Aqui encontrar-se-ão as minhas expectativas iniciais relativamente ao estágio, as aprendizagens realizadas, as dificuldades sentidas e as estratégias usadas para as superar bem como o aprofundamento de um tema que se revelou dilemático. Para finalizar farei uma reflexão final resumindo todo o percurso por mim percorrido bem como um parecer pessoal acerca do que aprendi com esta experiência.

2. EXPECTATIVAS PRÉ-ESTÁGIO

Desde tenra idade que algumas das minhas brincadeiras de criança se baseavam em fazer-me passar por professora, dando aulas imaginárias a ursos de peluche e bonecos. Prestes a iniciar esta nova fase que se aproxima como docente, vejo-me a ter a oportunidade de realizar essas ideias de criança de forma profissional, assumir o papel de professora a sério. Quando me encontrava prestes a iniciar o estágio, esperava conseguir as aptidões necessárias para ser uma boa professora de Educação Física, ou seja, ganhar experiência e conforto na interação com os alunos de uma turma, adquirir conhecimentos relativamente a planeamento, intervenção pedagógica e avaliações, aprender como transmitir conhecimentos aos alunos e ajudá-los a atingir objetivos definidos.

Esperava conseguir através da prática usar toda a teoria acumulada ao longo do processo académico e assim atingir o objetivo primário do mesmo.

Antes do primeiro dia como estagiária, o meu maior medo era a falta de experiência em lidar com uma turma, o medo de não me conseguir impor, a falta de conhecimentos relativos a alguns desportos que deram lugar a algum nervosismo por antecipação, contudo sempre esperei superá-los da melhor forma e o mais rápido possível.

Acima de tudo, sendo o estágio o processo fundamental para a mudança de aluno para professor, esperava com ele aprender tudo o necessário para me sentir preparada para lidar com qualquer turma, qualquer situação, e assumir um papel de uma excelente professora de Educação Física capaz de fazer progredir os seus alunos.

Mais detalhadamente, o que referi no meu Plano de Formação Inicial como aprendizagens que pretendia atingir foi:

- ✓ Aprendizagem necessária para ser uma boa professora de Educação Física;
- ✓ Desenvolver competências profissionais;
- ✓ Pôr em prática os conhecimentos adquiridos até ao momento;
- ✓ Aprender a realizar o planeamento das aulas;
- ✓ Aprender a avaliar os alunos de acordo com critérios de êxito;
- ✓ Descobrir instrumentos para realizar o planeamento e as avaliações;
- ✓ Apropriar os alunos de capacidades físicas, conhecimentos e competências relativas a atividade física;

- ✓ Conferir aos alunos rotinas de prática de atividade física para a sua vida;
- ✓ Promover aulas intensas e motivantes num clima agradável;
- ✓ Procurar estratégias para adaptar as aulas a todos os alunos;
- ✓ Prover competências relativamente ao cargo de diretor de turma;
- ✓ Entre outros.

Após breve análise, penso que consegui atingir todos os objetivos planeados inicialmente. De todos, aqueles onde penso que superei as minhas expectativas foi no que diz respeito ao planeamento de aulas diversificadas com exercícios adaptados e na intervenção pedagógica no geral. O medo sentido inicialmente com a ideia de lidar com uma turma superou-se mais rápido do que esperava e, com efeito, hoje sinto-me muito confortável no contacto com os alunos, na transmissão de conhecimentos, nas correções, nas chamadas de atenção relativamente aos seus comportamentos e tudo o que o contacto diário com a turma requer.

As dificuldades iniciais sentidas no planeamento das Unidades Didáticas e dos planos de aula também foram rapidamente superadas e posso afirmar, mais uma vez, que neste momento me sinto bastante confortável nessas ações.

Não posso deixar de referir que, apesar do medo da interação com a turma no geral como referi anteriormente, o maior medo recaía sobre a interação com o aluno NEE¹, sobre o planeamento de exercícios adaptados às suas capacidades, sobre a integração do mesmo em exercícios com a turma bem como nas estratégias a utilizar para conseguir ajudar o aluno NEE nos seus exercícios sem desviar a atenção do resto da turma.

3. REALIDADE ENCONTRADA

Para dar continuidade ao relatório, é importante descrever a realidade com que me deparei ao iniciar este ano letivo de 2011/2012 na Escola Básica nº2 de São Silvestre. Aqui farei uma breve descrição da Vila de São Silvestre, da Escola e dos seus Professores e Funcionários, do Grupo de Educação Física, do Núcleo de Estágio, da Turma 9ºB e dos Professores Orientadores.

¹ O aluno com Necessidades Educativas Especiais com deficiência mental profunda.

S. Silvestre

São Silvestre é uma vila pacata situada a cerca de 10km da Cidade de Coimbra e é sede da freguesia com o mesmo nome. Esta vila é rodeada de ambientes rurais e campos de cultivo. Uma parte bastante significativa dos seus 3.200 habitantes ainda se dedica à agricultura. O ex-libris da região é o Palácio de São Marcos onde todos os anos em Maio decorre a Festa da Ascensão.

A Escola

Tanto a diretora como os professores e funcionários receberam-nos (estagiários) com um sorriso e uma palavra de simpatia demonstrando-se disponíveis para nos ajudar em qualquer coisa de que necessitássemos desde o primeiro dia.

A escola é pequena e acolhedora (bem como a Vila), com apenas 14 turmas: 3 turmas de 5º, 6º, 7º e 8ºano e 2 turmas de 9º ano. A média de alunos por turma ronda os 14 alunos. A escola conta ainda com uma turma do Ensino Especial tentando dar uso ao conceito atual de Escola Inclusiva.

Segundo Aranha, 2004, “escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”.

Mais abaixo no tópico de aprofundamento de um tema, falarei mais detalhadamente sobre este conceito e os seus benefícios e consequências.

No que concerne a instalações, a escola dispõe de um pavilhão polidesportivo com sala de ginástica, alguns campos exteriores preparados para 2 campos de Basquetebol e 2 de Futebol embora apenas um tenha balizas (as quais só foram colocadas no final do 2º período), todos em boas condições. No exterior contamos ainda com pista de Atletismo bem como pista para velocidade. O material disponível encontra-se em condições razoáveis, contudo há bastantes lacunas de material para várias modalidades como por exemplo Ténis e Badminton (há rede de Badminton mas só há um poste, há postes para Ténis mas não há rede e não existem linhas de campo para ambas as modalidades) obrigando-nos a ser originais.

O Grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física é constituído por 3 professores: o professor Jacinto Silva, a professora M^a Augusta Ruas e a professora Iolanda Homem sendo os dois primeiros pertencentes ao quadro. A professora Iolanda durante o 2º período teve que se ausentar com licença de maternidade e foi substituída pela professora Anabela. É um grupo unido e alegre, pequeno mas adequado à população escolar existente. Todos mantêm uma excelente relação com os alunos e estes nutrem grande respeito por eles.

O Núcleo de Estágio

O Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Básica nº2 de São Silvestre foi composto, este ano letivo de 2011/2012, por 4 elementos dos quais fiz parte. Os restantes elementos são o Tiago Alves, o André Santos e o Luís Cunhal. Foi (ainda é) um grupo muito animado, travei com eles uma grande amizade desde o primeiro contacto o que facilitou muito o trabalho em equipa, a divisão de tarefas, a entreaajuda e a manutenção de um ambiente animado e agradável todos os dias dentro e fora do Grupo de Educação Física, com os funcionários, outros professores e alunos.

Foi sem dúvida um ano letivo fantástico devido aos laços de amizade que criámos agora mas que iremos preservar. A integração na escola ficou indubitavelmente facilitada devido ao ambiente que criámos.

Após algumas reuniões com o professor Jacinto Silva que viria a ser nosso orientador, foi-nos designada uma turma a cada um tendo eu ficado com a turma B do 9ºano.

A Turma 9ºB

A turma 9ºB, fim de ciclo, é constituída por 16 alunos dos quais 3 alunos têm NEE (Necessidades Educativas Especiais). Às aulas de Educação Física vão somente 15 alunos uma vez que a disciplina não consta no currículo de uma aluna de NEE.

Fazem parte da turma 8 raparigas e 8 rapazes com idades entre os 14 e os 15 anos. No que diz respeito à componente sócio-afetiva, a turma é simpática, no entanto

alguns alunos têm comportamentos impróprios para a idade. Com isto quero dizer que apesar de ser normal numa turma haver brincadeiras entre alunos, conversas diagonais, piadinhas de fundo, alguns alunos tinham atitudes a condenar relativamente ao aluno com NEE da turma. Não esperava encontrar alunos de 9º ano com mentalidades tão infantis no que toca ao respeito por uma pessoa com deficiência. A maioria dos alunos é boa a Educação Física e têm gosto em participar em todas as matérias e demonstrar aquilo que valem. Apesar de não existirem maus alunos, é fácil distinguir dois grupos na turma, um com nível mais elevado e outro com nível mais baixo algo que tive em consideração no planeamento das aulas. Na turma conto ainda com alguns alunos praticantes de modalidades desportivas: Futsal, Atletismo e Ténis.

Os Professores Orientadores

Ao longo deste estágio pedagógico, contei com a ajuda preciosa dos Orientadores Prof. Jacinto Silva (da Escola Básica nº2 de São Silvestre) e Mestre Miguel Fachada (Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra). A sua orientação inicial foi fulcral para o desenvolvimento das aulas de forma coerente e as suas correcções no final de cada aula observada foram essenciais para a minha evolução enquanto docente. Demonstraram-se sempre disponíveis para ajudar em tudo o que lhes fosse possível transmitindo os seus conhecimentos sempre com uma abordagem positiva e com críticas construtivas.

O Professor Jacinto Silva, com quem mantínhamos mais contacto, supervisionava todas as nossas aulas, contudo, dava-nos total liberdade ao longo das mesmas. Nunca interferia no decorrer das aulas a menos que fosse estritamente necessário.

Este tentava estar sempre ao corrente do nosso desenvolvimento relativamente aos documentos a construir e, durante o primeiro período, pedia que lhe enviássemos sempre os planos de aula com 2 dias de antecedência para dar o seu parecer. Foi uma ajuda indispensável.

O Professor Miguel Fachada nas observações que fez às aulas e posteriores feedbacks ajudou-me muito a evoluir enquanto docente. Com as suas críticas foi possível perceber como poderia melhorar o planeamento das aulas bem como a

minha postura e isso foi fundamental. Disponibilizou-se sempre para nos atender na Faculdade sempre que surgiram dúvidas contribuindo assim para que o acompanhamento à nossa formação fosse contínuo.

A minha evolução deve-se sem dúvida à ajuda de ambos orientadores na transmissão de conhecimentos relativos à sua vasta experiência, algo de que careço neste meu primeiro ano enquanto estagiária.

4. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Neste ponto descreverei todas as atividades desenvolvidas por mim no que diz respeito à intervenção pedagógica, ao planeamento e à avaliação.

“Hoje o professor já não é apenas encarado como um especialista nas matérias que ensina, mas também um técnico altamente qualificado em áreas do saber diversificadas (...).” (Ruivo, 1997, citado por Cunha, A. 2008).

O trabalho que compete a um professor vai muito além da transmissão de conhecimentos durante as aulas, é necessária uma preparação prévia de cada aula, uma reunião de estratégias adaptadas a cada situação, um conjunto de objetivos a atingir pelos alunos, formas de os avaliar etc. Para se desenvolver o currículo, é imprescindível que o professor seja um investigador ativo do Programa Nacional de Educação Física e do contexto em que decorre a aprendizagem, ser um perito nas matérias que ensina. Só assim é possível haver intencionalidade e racionalidade na transmissão de conhecimentos e na condução das aulas que lecionar.

Assim, abaixo constará a descrição de cada uma das etapas mencionadas pela seguinte ordem: Planeamento (Plano Anual, Unidades Didáticas e Planos de Aula), Intervenção Pedagógica/Realização (Balanços, Observações Inter-Estagiários/Orientador, Presenças e Sumários), Avaliação e Componente Ético-Profissional.

4.1. Planeamento

O planeamento visa a criação de linhas orientadoras fulcrais para a intervenção pedagógica, estabelecendo objetivos e estratégias para os alcançar através da antecipação e facilitando assim o trabalho do professor diariamente.

4.1.1. Plano Anual

O Plano Anual, como o próprio nome indica, é a planificação de todo o trabalho previsto para o decorrer do presente ano letivo e, neste sentido, é elaborado no início do ano. Para se poder desenvolver um plano anual coerente, devem ser tidos em conta uma serie de fatores tais como:

- A análise das características do meio onde se insere a escola e da própria escola em si;
- O aprofundamento das matérias de ensino da educação física;
- A análise das finalidades, dos objetivos, das sugestões metodológicas, da avaliação e dos recursos dos programas homologados (Programa Nacional de Educação Física);
- A forma como se organiza a disciplina na escola;
- A análise e caracterização da turma após a realização de um inquérito entregue a todos os alunos das turmas visadas;
- As decisões concetuais e metodológicas tomadas quer pelo grupo disciplinar (a comentar), quer pelo núcleo (a fundamentar). As decisões concetuais devem ser relativas à definição de objetivos anuais, duração e número de blocos de aulas para cada matéria e seleção das matérias a leccionar. Para a selecção das matérias a leccionar durante este ano letivo, o Núcleo reuniu-se e fez a proposta ao Grupo de EF explicando os motivos e a intenção da mesma. Tivemos em conta: as condições atmosféricas deixando para o início e fim do ano as modalidades que seriam lecionadas no exterior; e a saturação dos alunos tendo todos os anos as mesmas modalidades, pelo que algumas das modalidades escolhidas para o 8º ano não serão lecionadas no 9º ano e vice-versa; Concretamente no 9º ano, para as matérias escolhidas para o 1º

Período (Atletismo, Basquetebol e Ginástica de Solo), tive em conta as modalidades do Desporto Escolar (Basquetebol e Atletismo) pensando na preparação e motivação dos alunos à participação e integração nas equipas e ainda as condições climatéricas que eram ainda propícias às aulas no exterior (A Unidade Didática de Atletismo foi dividida em duas partes, guardando para o 2º Período as matérias que seriam dadas no pavilhão como o Salto em Altura e o Lançamento do Peso). A Ginástica de Solo ficou no 1º Período para servir de base à de Aparelhos no 2º Período, uma vez que prepara a condição física dos alunos no que toca ao equilíbrio, força e flexibilidade fundamentais para a execução de elementos em aparelhos. Ainda para o 2º Período, ficou a segunda parte de Atletismo como referi anteriormente e ainda o Voleibol, por serem ambas matérias a lecionar no interior (estas foram dadas alternadamente para não desmotivar os alunos). Para o 3º Período guardaram-se o Futsal, o Badminton e o Ténis, sendo o Ténis a última matéria a ser lecionada para aproveitar o bom tempo da Primavera e os espaços exteriores.

- A definição de momentos e procedimentos de avaliação inicial (diagnóstica), formativa e final (sumativa), resultando num processo coerente e articulado entre cada dimensão;
- As atividades inscritas no plano de atividades da escola promovidas pelo grupo disciplinar, bem como as iniciativas do núcleo de estágio, quer sejam de formação de alunos quer sejam de formação dos próprios professores. As atividades do Grupo de EF relacionam-se com as modalidades do Desporto Escolar existentes na escola: Basquetebol e Atletismo. Todos os anos decorre então o Compal Air 3x3, o Corta-mato e as provas de Mega Sprint e Mega Km a nível escolar e distrital. As atividades organizadas pelo Núcleo de Estágio este ano foram o Compal Air e a 1ª Corrida da Ascensão.

O Plano Anual tem uma grande componente de trabalho coletivo entre o Núcleo de Estágio relativamente à recolha de dados sobre a região e sobre a escola, contudo, é importante realçar que também tem componente individual em que cada Estagiário adapta o Plano Anual à sua turma, pensando nas características da mesma – Plano Anual de Turma.

Deste modo, adaptei o Plano Anual à turma do 9ºB. Aqui foi necessária uma adaptação dos objetivos às características dos meus alunos tendo em conta as capacidades e dificuldades de cada um e a criação de estratégias para potenciar a aprendizagem individual. Foi nesta adaptação à turma que fiz a planificação das matérias a lecionar bem como a ordem em que estas seriam dadas e o número de aulas destinadas a cada matéria. Também aqui foram determinadas as aulas que correspondiam às avaliações sumativas e aos testes.

4.1.2. Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas são a base para a elaboração de planos de aula coerentes, com uma evolução gradual de complexidade e com progressões favoráveis para que os alunos consigam atingir os objetivos pretendidos. É um documento de consulta diária, facilitador do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Este é elaborado no início do ano e após a avaliação diagnóstica de cada modalidade. Cada Unidade Didática contém a definição de objetivos a atingir pelos alunos, conhecimentos, gestos e ações técnicas, regras, critérios de êxito e progressões pedagógicas (adaptadas à realidade da turma) para cada modalidade. Contudo, após a aplicação prática de algumas matérias, a definição de objetivos sofreu algumas alterações. Estas alterações deveram-se à rápida evolução dos alunos no cumprimento de objetivos estipulados *a priori*, ou seja, alguns alunos atingiram tão rápido os objetivos que foi necessário o acréscimo de outros mais avançados. Foi o caso da Ginástica de Solo e Aparelhos, o Futsal e o Badminton. Contudo, também pode acontecer (e aconteceu) o contrário, quero com isto dizer que, por exemplo na modalidade de Ténis, tinha objetivos que tive que suprimir após verificar a fraca evolução dos alunos ao longo das aulas. Isto reflete o que referi antes relativamente às Unidades Didáticas serem uma base para as aulas, podem sempre sofrer alterações depois de serem postas em prática.

Nas Unidades Didáticas encontram-se também os relatórios das avaliações diagnosticas a partir dos quais se definem os objetivos e as estratégias para que cada aluno os possa atingir e para que as aulas decorram num bom ambiente favorável à motivação e empenho dos alunos.

Tal como aconteceu no Plano Anual, as Unidades Didáticas também comportam algumas tarefas coletivas por parte dos Estagiários de cada ano, ou seja, eu e outro Estagiário com turma de 9º ano construímos a base da Unidade Didática em conjunto (uma breve história da modalidade, os gestos técnicos e componentes críticas e as regras, resumindo, tudo aquilo que é igual para ambas as turmas) e depois, individualmente, cada um a adaptou à sua turma atendendo à avaliação diagnóstica. A partir da análise desta, cada um definiu os objetivos a atingir pela sua turma, a extensão e sequência de conteúdos, as estratégias e as progressões pedagógicas. O mesmo sucedeu com os Estagiários com turmas de 8º ano. Após a avaliação sumativa de cada Unidade Didática prosseguimos para a elaboração do balanço da mesma (ver 4.2.1) com relatório da dita avaliação, uma comparação entre o que foi planeado e o que foi realizado e uma reflexão sobre o meu desempenho e o dos alunos ao longo da lecionação da mesma. Ao longo deste ano letivo elaborei então Unidades Didáticas de Atletismo, Basquetebol, Ginástica de Solo e de Aparelhos, Voleibol, Futsal e Raquetes (Badminton e Ténis).

4.1.3. Planos de Aula

À semelhança do Plano Anual e das Unidades Didáticas, também os Planos de Aula tiveram a sua base construída colectivamente pelo Núcleo de Estagiários (ver anexo 10.1). Inicialmente a estrutura dos planos de aula foi acordada pelo Núcleo e posteriormente foi adaptada em função das necessidades de cada um. O conteúdo de cada plano ficou a cargo de cada Estagiário.

Como referi anteriormente, as Unidades Didáticas foram a base para a construção dos planos de aula diariamente. Foi na extensão e sequência de conteúdos e nas progressões pedagógicas de cada Unidade Didática que me apoiei para a construção de todos os planos de aula de forma a proporcionar aos alunos uma sequência de aprendizagem coerente e lógica.

Os planos de aula são o instrumento mais precioso para o professor porque facilitam a organização das aulas e dos exercícios mas são, tal como o próprio nome diz, planos e portanto podem ser reajustados ao longo da aula caso surja a necessidade.

Por forma a organizar as aulas de forma progressiva e coerente, todos os planos de aula apresentam os seus objetivos e funções didáticas e são divididos em parte inicial, fundamental e final tendo cada uma desígnios distintos.

Na parte inicial decorre fundamentalmente o aquecimento o qual pode ter objetivos mais simples de apenas elevar a temperatura corporal (aquecer os músculos, articulações) como mais complexos em que o exercício transporta já os alunos para a parte fundamental. Por exemplo, numa aula de futsal o aquecimento pode ser o “jogo dos 5 passes” que coloca os alunos já em contacto com a bola e com situações de marcação e desmarcação. Por outro lado, também não é prejudicial um aquecimento em que os alunos apenas dêem 3 voltas ao campo a correr. Pessoalmente, nas minhas aulas tentei sempre arranjar exercícios com alguma componente lúdica ou competitiva para aumentar o empenho dos alunos e relacioná-los com a parte fundamental.

Na parte fundamental é onde decorre essencialmente a transmissão de conhecimentos, é nesta parte da aula que os alunos têm maior tempo de aprendizagem efetiva relativamente à Unidade Didática em questão. Aquando do ensinamento dos desportos coletivos, sempre que possível e antes da parte final da aula os alunos passavam pela situação de jogo (reduzido ou não).

Na parte final, os alunos alongam e são sujeitos a questionamento para verificar a aquisição de conhecimentos. Para além disto, nas minhas aulas atribuía sempre aos alunos a função de arrumar o material após a qual tinham autorização para retornar aos balneários para o banho (obrigatório de acordo com as regras da Educação Física na escola).

Após todas as aulas, cada um de nós, estagiários, fez o relatório das mesmas permitindo-nos analisar o que correu bem e mal, analisar a evolução dos alunos gradualmente (avaliação formativa), referir ajustamentos feitos ao plano, as consequências da aula e as justificações de todas as opções tomadas.

4.2. Intervenção Pedagógica/Realização

Apesar do planeamento ser fundamental para o decorrer do processo de ensino-aprendizagem, é na realização que se pode verificar se este está adequado ou se são necessárias alterações. Por outras palavras, é na realização que se verifica a

eficácia do planeamento e de quem o dirige. Esta realização ou intervenção pedagógica reflete-se em 4 dimensões (Instrução, Gestão, Clima e Disciplina) que serão descritas de seguida.

Instrução

A instrução diz respeito a várias fases dentro de uma aula: A prelecção que é a informação inicial transmitida aos alunos; A demonstração para proporcionar aos alunos um exemplo mais real e fácil de interiorizar daquilo que se pretende; Os feedbacks que refletem os conhecimentos do professor na altura de corrigir os seus alunos; e o questionamento em que o professor verifica se os alunos retiraram da aula os conhecimentos pretendidos.

Segundo Siedentop (1998), “os professores de EF dedicam entre 10 a 50% do tempo de aula em instrução”.

Nas minhas aulas tentei sempre providenciar instruções curtas, com o intuito de não perder muito tempo de aula nessa acção, mas claras para que não fosse necessário repeti-las várias vezes. Contudo, sempre que fosse necessário para o bom desenvolvimento das tarefas, repetia a informação.

Numa fase inicial, quando não conhecia ainda as capacidades de cada aluno, proporcionava eu as demonstrações de cada ação ou gesto técnico. Posteriormente, já sendo conhecedora das capacidades dos alunos, escolhia os melhores de cada modalidade para providenciar as demonstrações, podendo eu ficar livre para possíveis feedbacks relativos ao exercício. Na situação específica da Ginástica de Solo e Aparelhos, uma vez que tinha capacidades para ser o modelo mais real do que pretendia que os alunos executassem, demonstrava eu.

Dentro da Instrução, penso que o meu maior ponto fraco foi nos feedbacks, mais concretamente durante a lecionação de desportos coletivos em situações de jogo. Esta sempre foi uma área da qual me mantive um pouco à margem ao longo da vida tendo sempre optado por desportos individuais e nesse sentido, procurei sempre estudar com afinco as Unidades Didáticas relativas a essas modalidades adquirindo os conhecimentos de que carecia. No entanto, e apenas em situações de jogo como já referi, apesar de ter o conhecimento a ser transmitido aos alunos, raramente me sentia confiante para o fazer e sentia alguma dificuldade em arranjar oportunidades

para intervir. Com isto não quero dizer que não o fiz mas que o podia ter feito mais vezes. Em relação aos feedbacks das mesmas em situações de exercícios critério não senti qualquer dificuldade.

Durante a lecionação de modalidades individuais, sentia toda a confiança e isso refletiu-se nas aulas bem como nos feedbacks. Estes eram mais concretos e pertinentes e não houve quaisquer problemas na transmissão dos conhecimentos.

Em todas as Unidades Didáticas dei sempre vários tipos de feedback, alternando entre os de correção de técnicas e de comportamentos (individualmente ou coletivamente) e os positivos motivando os alunos para continuarem a empenhar-se. Após os feedbacks, verificava sempre a resposta dos alunos aos mesmos.

No final da aula, sempre que havia tempo disponível, fazia questionamento aos alunos garantindo a aquisição dos conhecimentos pretendidos para a aula.

Gestão

A gestão eficaz de uma aula reflete-se na capacidade do professor conseguir proporcionar elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades das aulas, reduzir o número de comportamentos inapropriados e de usar eficazmente o tempo de aula produzindo maior tempo de efectividade motora para os alunos.

O que um professor deve controlar então nas aulas é o clima emocional, a gestão do comportamento e das situações de aprendizagem dos alunos.

Para gerir uma aula eficazmente é necessária a criação de rotinas nos alunos, de sinais ensinados aos alunos no início do ano para serem cumpridos até ao fim, evitando perdas de tempo desnecessárias em episódios de transição de exercícios ou de espaços, de atenção, de reunião, etc. Estes podem ser visuais, como levantar o braço ou sonoros como apitar.

Na minha turma, havia alguns sinais como, por exemplo, se durante uma explicação de um exercício me calasse e levantasse o braço significava que havia alunos a conversar ou distraídos e estes tinham 5 segundos para se calar ou sofriam algum castigo como 5 flexões. Outro sinal, desta vez sonoro, quando apitava de forma mais longa os alunos sabiam que o exercício terminara e que deviam tomar atenção para a explicação do exercício seguinte. Se o apito fosse mais curto, os alunos sabiam

que ia corrigir algo que estariam a errar vários alunos e conseqüentemente, teriam que prestar atenção.

A boa organização dos exercícios (evitando perdas maiores de tempo em transições) e a prévia disposição do material também facilitaram na redução de tempo gasto em gestão e no aumento do tempo de aprendizagem dos alunos.

Clima

“O aluno concede mais importância às qualidades humanas e relacionais do docente do que às qualidades ligadas à técnica pedagógica.”

Postic, 1984

Esta dimensão reporta para as interações pessoais, relações humanas e o ambiente. Em todas as aulas tentei manter uma postura de confiança para os alunos e promover um ambiente de boa disposição. Na minha opinião, as aulas decorrem de forma mais produtiva tanto para mim como para os alunos se o ambiente destas for mais agradável. Penso que não consegui demonstrar tanto entusiasmo como aquando da lecionação das Unidades Didáticas de Ginástica de Solo e Aparelhos, Voleibol e Atletismo, contudo tentei não transparecer a minha ligeira falta de confiança nas demais.

Embora o clima dentro da turma fosse sempre estável, ou seja, apesar de a turma no geral andar sempre animada, em casos pontuais alguns alunos encontravam-se mais cabisbaixos. Quando estas situações aconteciam, tentava sempre animá-los usando mais feedbacks positivos relativamente ao seu desempenho.

Disciplina

A dimensão disciplina está profundamente ligada ao clima e é fortemente afetada pela qualidade da gestão e da instrução.

Foi nesta área que a minha falta de experiência se revelou. Apesar de a turma não ser totalmente indisciplinada, alguns alunos tiveram vários comportamentos que não eram adequados para a aula bem como algumas respostas/oposições às minhas ordens. Os alunos aproveitavam-se da minha boa disposição e da nossa relação por vezes mais informal para “esticar a corda” como eu lhes dizia quando os repreendia.

Contudo, os comportamentos inapropriados a que me refiro nunca foram muito graves nem casos para preocupações, eram comportamentos de desvio para os quais a repreensão verbal ou as punições físicas (flexões, abdominais, saltos de joelhos ao peito, voltas ao campo) chegavam para recuperar o controlo.

Januário (1994) defende que “professores experientes e principiantes apresentam diferenças qualitativas nos processos de pensamento e ação. Os experientes são mais seletivos na utilização da informação durante o planeamento e a interação, fazem mais uso de rotinas de instrução e gestão.” Isto demonstra o porquê de que ao longo do ano letivo, com a aquisição de alguma experiência, as minhas estratégias de controlo da turma (criação de rotinas, sinais, regras) tenham melhorado. Facilmente após algumas aulas foi possível perceber onde estavam os problemas e qual a maneira mais adequada para os evitar.

Decisões de Ajustamento

As decisões de ajustamento dizem respeito às situações em que durante as aulas surge a necessidade de alterar o plano de aula por variadas razões. Sendo os planos de aula apenas e simplesmente planos, o docente não pode confiar plenamente na sua praticabilidade tendo que estar preparado para os alterar a qualquer momento. Estas alterações (decisões de ajustamento) têm que ser fluídas, ou seja, o docente não pode perder mais tempo de aula nas realizações desses ajustamentos, deve analisar rapidamente o que precisa de ser alterado e automaticamente adaptar uma situação nova.

Inicialmente estas decisões de ajustamento da minha parte eram mais lentas, demorava a perceber o que estava mal e o que fazer para melhorar, contudo com o passar das aulas estas passaram a ser muito mais usuais e rápidas. Rapidamente ganhei o espírito crítico para analisar a minha aula constantemente e prosseguir para alterações sempre que fossem necessárias.

4.2.1. Balanços

Os balanços são fundamentais para a revisão das Unidades Didáticas e são realizados, portanto, após lecionar cada uma delas passando a fazer parte integrante do mesmo documento.

Nos balanços que realizei incluí o relatório da avaliação sumativa, a comparação entre o que foi planejado e o que foi realizado, uma comparação entre a avaliação diagnóstica e a sumativa para ter a noção da evolução dos alunos e uma reflexão relativa ao meu desempenho enquanto docente da dita Unidade Didática e dos alunos face à mesma. Neste último ponto refiro sempre quais foram os meus pontos fortes e fracos, as situações que devo melhorar, as dificuldades que senti, se as estratégias que adotei foram as melhores e resultaram, e, se não, o porquê de não terem sido e quais seriam as melhores. Aqui também refiro as alterações feitas à Unidade Didática inicial (objetivos, progressões pedagógicas, extensão e sequência de conteúdos) e as razões para tais alterações.

Os balanços, no fundo, servem de análise e de detecção de possíveis erros para que não se repitam nas seguintes Unidades Didáticas sendo para estas um apoio.

4.2.2. Observações Inter-Estagiários/Orientador

Durante as primeiras semanas de estágio foi-nos requerido pelo Prof. Jacinto Silva que observássemos todas as aulas uns dos outros e, após cada aula, nos reuníssemos. Inicialmente pareceu-nos exagerado mas rapidamente percebemos a grande importância que isso viria a ter para nós.

“Aprender com os erros” é uma expressão popular que é em tudo verdadeira. É possível aprender com os nossos erros e, neste caso, aprender com os erros dos outros também. Ao observar as aulas dos meus colegas, pude analisar detalhadamente o decorrer de uma aula, é de fora que nos apercebemos de todas as falhas e erros cometidos pelo docente e as consequências que daí surgem.

De fora, foi possível perceber o porquê de não podermos virar as costas aos alunos, as consequências de feedbacks não controlados ou da falta dos mesmos, as dificuldades de realização de alguns exercícios para as raparigas que levam o cabelo solto, entre muitas outras coisas.

Nas reuniões tínhamos liberdade para confrontar quem lecionou a aula, dizendo sempre fatores positivos e negativos desta e sugestões para melhorar. Estas reuniões foram de extrema importância para mim uma vez que através delas e das sugestões dos colegas e do orientador foi possível melhorar a minha postura nas aulas e evoluir profissionalmente como docente.

As observações feitas às aulas do orientador foram de igual ou maior importância uma vez que nelas tínhamos a possibilidade de visualizar um professor com experiência em ação. Com estas aprendíamos novas estratégias de organização dos alunos, novos sinais que podíamos utilizar com eles criando as ditas rotinas, tipos de exercícios, formas de montar estações para aumentar a diversidade de exercícios, tipos de feedbacks e os momentos mais favoráveis à atribuição destes.

Foi sem dúvida algo que me ajudou muito a evoluir as minhas aulas e a desenvolvê-las de outras formas.

4.2.3. Presenças e Sumários

Para controlar as presenças dos alunos e posterior transmissão dessa informação para o livro de ponto da turma, tinha uma ficha de registo para cada período (ver anexo 10.2). Esta, criada pelo Núcleo de Estágio, não se destinava apenas ao registo das presenças contendo ainda informações sobre: A percentagem dada a cada domínio de avaliação (socio-afetivo, psicomotor e cognitivo), a data, o número da aula e a Unidade Didática a que correspondeu cada aula, o número de alunos na aula e a lista dos alunos. Relativamente ao domínio sócio-afetivo o que é anotada é a falta de pontualidade/assiduidade do aluno (FP/F), o comportamento (FC), a responsabilidade (FR), a falta de material necessário para a aula (FM), se não tem justificação para dispensa da mesma (FJDA) e a falta de higiene (FH). No domínio psicomotor o que é apontado é se o aluno cumpriu com sucesso as tarefas da aula (+) ou não (-). Finalmente no domínio cognitivo reportamos para a aquisição de conhecimentos através do questionamento onde anotamos se o aluno respondeu correctamente (RC) ou não (NRC). Estas informações relativamente aos domínios servem-nos para a avaliação formativa dos alunos.

Após algumas aulas, e tendo uma turma pequena, foi fácil decorar as caras e os nomes dos alunos pelo que não perdia tempo a fazer a chamada. Se faltasse algum aluno era impossível não reparar.

No fim de todas as aulas, na maioria das vezes em casa, escrevia um pequeno sumário da aula para depois o transferir para o livro de ponto da turma.

4.3. Avaliação

“A avaliação não deve ser vista como uma caça aos incompetentes, mas como uma busca de excelência pela organização escolar como um todo”.

Melchior, 1994

Um dos grandes problemas que envolvem a avaliação é que a maioria dos professores desconhece o verdadeiro sentido de avaliar, ou seja, o que é e para que serve.

Segundo a ideia de Vallejo (1979), medir não é avaliar, a mera obtenção de dados não é avaliação. Para avaliar é preciso ter objetivos bem formulados que ajudam o professor a selecionar o material apropriado e os alunos para saberem exactamente o que se pretende que eles saibam.

De acordo com Melchior (1994), “se o professor não tem clareza sobre “o que é avaliar?” facilmente será prejudicado.” É neste sentido que o momento da avaliação me trouxe alguma inquietude. Está provado que muitos docentes, como eu, durante o seu percurso escolar, se depararam com uma prática avaliativa que correspondia a interesses, fossem eles de uma dada pedagogia ou de uma dada sociedade no seu contexto. A verdade é que durante muito tempo a Educação Física foi vista como de menor importância face a outras disciplinas, sendo colocada sempre numa posição de incredibilidade. Num exemplo mais concreto, se um aluno tivesse a sua única negativa a Educação Física, rapidamente em reunião todos os professores “obrigavam” o professor de Educação Física a subi-la uma vez que esta não era “assim tão importante”. Hoje estas práticas não correspondem à realidade, contudo ainda há quem desvalorize a importância da Educação Física na vida escolar das crianças como ainda este ano constatei.

A avaliação é a elaboração de um juízo acerca das capacidades dos alunos, das suas ações e dos seus conhecimentos. Posto isto, a avaliação é o melhor instrumento para favorecer a aprendizagem porque os alunos sabem que vão ser avaliados e querem que esta avaliação seja positiva.

Concordando com Simões (1998), será então a avaliação proveitosa apenas para os alunos? Não, é proveitosa para muitos intervenientes da ação educativa. É importante para os alunos porque moldam os seus comportamentos em torno do facto de serem avaliados, para os professores porque nos permite adaptar planificações e pedagogias e verificar a sua eficácia, para os encarregados de educação para reconhecerem as capacidades dos seus educandos, para a comunidade educativa que valoriza a escola pelos seus resultados, para entidades empregadoras que identificam os alunos pelas suas notas, etc.

Com o intuito de ter avaliações justas para todos os alunos, quer eles sejam do 2º ou 3º ciclo, tenham ou não CEI² ou ainda estejam sujeitos a atestado médico, são criados critérios de avaliação associados aos vários domínios (psicomotor - prática; cognitivo - conhecimentos; e socio-afetivo – atitudes e comportamentos) atribuindo uma percentagem a cada um deles.

Os critérios de avaliação adoptados pelo Grupo de Educação Física da Escola Básica nº2 de São Silvestre este ano letivo foram os seguintes:

	Conhecimentos e Capacidades	Atitudes e Comportamentos
2º CEB	65% (Teórica 15%, Prática 50%)	35%
3º CEB	80% (Teórica 15%, Prática 65%)	20%
Alunos com Currículo Específico Individual	45% (Teórica 5%, Prática 40%)	55%
Percurso Curricular Alternativo 2º Ciclo	60% (Teórica 10%, Prática 50%)	40%
Alunos dos 2ºs e 3ºs ciclos que estão dispensados da componente prática por atestado médico	65% (Teórica 65%, Prática 0%)	35%

² Currículo Específico Individual - O CEI pressupõe alterações significativas no currículo comum, podendo traduzir-se na introdução, substituição e ou eliminação de objectivos e conteúdos, em função do nível de funcionalidade dos alunos. (Decreto-Lei n.º3/2008) É aplicado aos alunos com NEE.

“A avaliação não é somente dos alunos, mas sim dos objetivos propostos e dos métodos empregados para os atingir. A sua função não é só julgar o aluno, mas sim avaliar todo o processo de aprendizagem, incluindo a atividade do professor.” (Vallejo, 1976)

A avaliação é dividida em 3 fases, a diagnóstica, realizada no início do ano ou antes de cada Unidade Didática a lecionar, a formativa, realizada ao longo do ano e a sumativa, realizada no fim de cada Unidade Didática a partir da qual os alunos são classificados. Cada uma delas será descrita seguidamente.

4.3.1. Avaliação Diagnóstica

Esta avaliação é o ponto principal para se poder delinear o planeamento das aulas de Educação Física. Tem como objetivo conhecer o estado geral da turma bem como as dificuldades individuais de cada aluno. A partir daqui, podemos traçar estratégias de ensino para que todos os alunos tenham possibilidade de atingir objetivos da unidade didática. Esta serve também para ter noção da evolução que os alunos poderão ter até ao final da Unidade Didática.

Em conjunto, o Núcleo de Estagiários com o Grupo de EF elaborou uma grelha para a avaliação diagnóstica (ver o anexo 10.3) com os critérios de êxito para cada modalidade lecionada. Posteriormente à avaliação diagnóstica e ao preenchimento da grelha, é necessário analisar os dados e fazer um relatório sobre os resultados obtidos, adquirindo assim o nível geral da turma e permitindo-nos partir para a criação de objetivos adequados e para a planificação das aulas.

Sendo já a norma nesta escola, foi necessário efetuar as avaliações diagnósticas de todas as Unidades Didáticas a lecionar neste ano letivo, no início do 1º período.

Pessoalmente, não concordo muito com esta aplicação da avaliação diagnóstica uma vez que o resultado desta pode variar muito ao longo do ano como foi o caso das minhas alunas na Unidade Didática de Futsal. No início do ano, os seus resultados na avaliação diagnóstica foram muito fracos, entretanto, algumas delas juntaram-se a uma equipa de Futsal e as suas capacidades aumentaram. No momento em que a UD de Futsal foi lecionada, já os valores da avaliação diagnóstica estavam longe das suas verdadeiras capacidades provocando grandes alterações ao nível dos objetivos para a mesma.

Não quero afirmar que é mais benéfica no início do ano ou antes de cada matéria, contudo defendo que a avaliação diagnóstica é mais autêntica ou exata imediatamente antes da leção da matéria. No que diz respeito à minha experiência deste ano, a maioria dos dados obtidos nas avaliações diagnósticas no início do ano mostraram-se incorretos aquando da leção das matérias. Penso que, como os alunos sabem que a avaliação diagnóstica “não conta para nota”, também não se esforçam para demonstrar as suas verdadeiras capacidades condicionando assim a definição de objetivos realmente adequados a si.

4.3.2. Avaliação Formativa

A avaliação formativa é uma forma de controlar a aprendizagem dos alunos através de observação contínua nas aulas não tendo o objetivo de classificar.

Com esta avaliação é possível verificar o estado e a evolução dos alunos no decorrer das aulas e adotar estratégias para adaptar a complexidade dos exercícios a cada aluno e alterar objetivos caso seja necessário. Esta permite-nos transmitir também aos alunos informações sobre o seu estado relativamente aos objetivos a atingir no final da unidade didática.

A avaliação formativa realiza-se durante as aulas das unidades didáticas de forma contínua, como referido anteriormente, e incide nos domínios psicomotor, cognitivo e sócio-afetivo. Para recolha de informações a este nível, usei a ficha de registo já mencionada e os relatórios das aulas onde também fiz uma revisão acerca da evolução ou não das capacidades dos alunos e dos seus comportamentos.

4.3.3. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa é a que atribui uma classificação final a cada aluno. É com esta que recolhemos as informações necessárias para avaliar o nível dos alunos e que verificamos se os objetivos das Unidades Didáticas foram atingidos.

Para além da avaliação prática, os alunos foram avaliados também numa parte teórica (por questionamento e por teste teórico) onde demonstraram os conhecimentos adquiridos ao longo da unidade didática.

Esta incidiu então nos mesmos domínios da avaliação formativa e teve em conta a evolução dos alunos desde a avaliação diagnóstica uma vez que é uma espécie de resumo de todas as avaliações. Para esta, o Núcleo de Estágio também criou uma grelha com critérios de êxito aplicada na aula designada à avaliação sumativa. (ver em anexo 10.4).

A nota final da UD será calculada através da seguinte fórmula:

$$\text{Nota final} = \text{DPM}^3 + \text{DSA}^4 + \text{DC}^5$$

A nota final será de 1 a 5, sendo 3 a nota mínima positiva.

Para os alunos com atestado, a nota final será calculada da seguinte forma:

$$\text{Nota final} = \text{DC} + \text{DSA}$$

Uma vez que os alunos que possuem atestado médico, não realizam a parte prática da unidade didática, só serão avaliados no domínio cognitivo e sócio-afetivo.

4.4. Atitude Ético-profissional

“Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”.

Kant

De acordo com a Declaração de Ética Profissional da FENPROF⁶, um profissional da educação deve ter compromissos com:

- A profissão:
 - Justificar a confiança pública e aumentar o respeito pela profissão, oferecendo a todos uma educação de qualidade;
 - Garantir que o conhecimento profissional seja constantemente atualizado e aperfeiçoado;
 - Apoiar todos os esforços para promover a democracia e os direitos humanos através da educação;
 - Entre outros;

³ Domínio Psicomotor

⁴ Domínio Sócio-afetivo

⁵ Domínio Cognitivo

⁶ Federação Nacional de Professores

- Os Estudantes:
 - Respeitar os direitos de todas as crianças, em particular dos estudantes, para que possam beneficiar do disposto na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, particularmente no que diz respeito à educação;
 - Atender aos problemas que afetam o bem-estar dos estudantes, tratando-os com cuidado, dedicação e discrição;
 - Ajudar os estudantes a desenvolver um conjunto de valores (...);
 - Reconhecer a individualidade e as necessidades específicas de cada aluno, e estimulando-os para que possa desenvolver plenamente as suas potencialidades;
 - Proporcionar aos estudantes o sentimento de pertença a uma comunidade, baseada em compromissos mútuos de comprometimento com a existência de um lugar para todos;
 - Exercer a autoridade com justiça e solidariedade;
- Os colegas:
 - Promover um relacionamento amigável com todos os colegas, respeitando a situação profissional e as suas opiniões (...);
 - Auxiliar os colegas na sua avaliação, após negociação e acordo entre os sindicatos e os empregadores;
 - Defender e promover os interesses e o bem-estar dos colegas (...);
- A direção:
 - Estar informados das suas responsabilidades legais e administrativas, respeitar as cláusulas dos contratos colectivos e os direitos dos educandos;
 - Cumprir as instruções razoáveis dadas pela direção, tendo o direito de as questionar através de procedimento claramente estabelecido;
- Os pais:
 - Reconhecer o direito dos pais acompanharem (...) o bem-estar e o progresso dos seus filhos;
 - Respeitar a autoridade legal dos pais, mas dar conselhos do ponto de vista profissional, tendo em conta o interesse superior das crianças;

- Realizar todos os esforços possíveis no sentido de envolver ativamente os pais na educação dos filhos (...).

No que me diz respeito, assumi diariamente a responsabilidade imposta *a priori* pela profissão. Disponibilizei-me sempre para participar em todas as atividades escolares, cumpro o compromisso da pontualidade e assiduidade para todas as aulas transmitindo-o também aos alunos. Não faltei a nenhuma aula e chegava sempre com antecedência suficiente para ter o material todo montado a tempo.

Presenciei todas as reuniões de conselho de turma ouvindo atentamente todas as informações transmitidas pela diretora de turma e pelos restantes professores da mesma bem como pelos representantes dos Encarregados de Educação.

Particularmente na turma demonstrei sempre interesse nas suas atividades extracurriculares e disponibilidade para ajudar no que precisassem como o caso da sua festa de final de ciclo. Também diariamente transmiti a minha experiência no que toca à promoção de um estilo de vida ativo e saudável para que conheçam e sintam os benefícios de o adoptar. Para além disto, penso que transmiti valores e ensinei os alunos a respeitar os outros, principalmente no que diz respeito ao aluno NEE com deficiência mental profunda com o qual sempre foram bastante cruéis (como descrevo no capítulo 6). Várias vezes após um comentário ou uma atitude “menos feliz” para com o aluno NEE, reuni os alunos e tive uma pequena conversa com eles tentando chamá-los à razão para que percebessem em como isso estava errado.

Em aulas, permiti uma diferenciação dos níveis existentes na turma permitindo que todos os alunos tivessem objetivos adequados a si e às suas capacidades. Expus sempre tudo o que era necessário à sua evolução física e ao aumento de conhecimentos relativos a cada modalidade e dei-lhes espaço para que me pudessem ensinar alguma coisa também. Para todas as aulas montava previamente todo o material necessário para aumentar o tempo de aprendizagem efetiva.

Para o aluno com NEE tive sempre disponível um circuito adaptado às suas capacidades e tentava manter-me presente tanto no seu exercício como no da restante turma embora tenha sentido algumas dificuldades nesse sentido.

Relativamente ao trabalho em grupo, também mantive sempre uma postura pró-activa no que se referiu à realização de trabalhos ou ao desenvolvimento das atividades organizadas pelo núcleo. Tentei sempre ser uma espécie de motor para

os restantes membros do grupo impedindo o arrastar ou esquecimento de documentos ou de tarefas a realizar e mostrei-me sempre disponível a dar o meu contributo para ajudar o grupo em tudo o que fosse preciso. Diariamente construía e atualizava o meu dossier de estágio de forma a que este estivesse sempre organizado.

Para com a restante comunidade escolar partilhei diariamente a minha simpatia e boa disposição mantendo sempre com todos (professores e funcionários) uma boa relação e um bom ambiente. Posso afirmar que toda a comunidade escolar me fez sentir bastante confortável desde o primeiro contacto transmitindo-me a sensação de pertença nesta “família” que é a escola.

5. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

5.1. Aprendizagens Realizadas

Inicialmente pairava em mim a ideia de que este estágio seria apenas a passagem da teoria para a prática, contudo tinha noção de que não seria tarefa fácil. Por um lado, porque a minha Licenciatura não tinha sido voltada para a vertente do ensino pelo que me sentia menos preparada para tal, por outro porque já sabia *a priori* que o trabalho de um docente ia muito além da ação de *dar aulas*.

Ao longo deste ano letivo tive a possibilidade de adquirir experiência tanto no que toca ao planeamento como à realização e à avaliação. Aprendi que de nada vale ter um plano de aula bem construído se não souber ajustá-lo de acordo com as circunstâncias. As aulas dificilmente decorrem exatamente como nós pretendemos, há sempre situações que escapam à nossa vontade. Nem sempre os alunos vêm motivados para a aula como nós pretendemos (todos temos os nossos dias menos bons), nem sempre chegam a horas, por vezes há alunos que faltam ou se esquecem do material, nem sempre os exercícios que planeámos resultam na prática. Mais concretamente no caso do aluno com NEE, nem sempre se apresentava nas aulas com disposição, várias vezes só aparecia nos últimos minutos de aula, noutras aulas aparecia sonolento e tudo isto impossibilitou várias vezes o processo de integração do mesmo nas aulas.

Como já referi, o planeamento só mostra a sua eficácia durante a sua realização e é necessário estar preparado para ajustamentos ao longo da aula. Aqui aprendi a estar preparada a lidar com as situações não planeadas e a ajustar os planos de forma a dar continuidade à aula, muito em parte graças aos feedbacks dados pelo Prof. Jacinto Silva no final de cada aula.

Algo fundamental para mim neste ponto foi a necessidade de analisar criticamente todas as aulas permitindo-me refletir profundamente sobre as minhas ações e as consequências delas e com isso evitar os mesmos erros noutras aulas.

A construção das Unidades Didáticas, apoiadas nos relatórios das Avaliações Diagnósticas, também se revelou uma grande ajuda na preparação das aulas. Cada uma delas foi elaborada tendo em conta o nível da turma no geral e de cada aluno especificamente permitindo-me definir objetivos adequados, estratégias para os atingir e progressões pedagógicas para “descomplexificar” cada exercício e elaborar uma extensão e sequência de conteúdos coerente no sentido de permitir uma lógica evolução no processo de ensino-aprendizagem dos alunos garantindo a sua aquisição de conhecimentos e capacidades.

Sempre que se distinguiam claramente na turma, grupos com níveis diferentes, criava exercícios adaptados a cada nível para que nenhum deles desmotivasse e tivesse sempre algum objetivo a atingir. Metas mais altas para os alunos num nível superior e mais baixas para alunos de nível inferior, porque a superação das suas capacidades é uma grande mais-valia. Para algumas matérias como a Ginástica e o Atletismo, tendo em conta a saturação dos alunos nos mesmos exercícios, dinamizei aulas em circuito ou por estações alternando a dificuldade de cada uma delas e o tipo de exercício para manter todos os alunos em constante aprendizagem.

Como já referi anteriormente, as Unidades Didáticas são uma base para a elaboração de planos de aula coerentes e portanto, podem ser reajustadas se surgir a necessidade de alteração de objetivos (acrescentar objetivos mais complexos ou mais simples). A necessidade de acrescentar objetivos mais complexos surgiu com algumas Unidades Didáticas como a de Ginástica de Solo e de Aparelhos, o Futsal e o Badminton.

Para a Ginástica de Solo, tendo em conta a avaliação diagnóstica dos alunos, tinha objetivos mais simples como os Rolamento à frente e atrás, a Ponte, a Roda e o Avião e introduzi objetivos mais avançados como a Rodada, a Bandeira e

Sequências com elementos de ligação num praticável e adaptadas a uma música. Para a Ginástica de Aparelhos, no Mini-trampolim, tinha programado previamente o Salto em Extensão, Engrupado, Carpa de membros inferiores afastados, Meia Pirueta e Pirueta e acrescentei o Salto de Carpa de membros inferiores unidos e o Mortal; na Trave acrescentei a Vela e a Saída em Rodada; nas Paralelas Simétricas tinha inicialmente apenas a Subida, os Deslocamentos, os Balanços e a Saída simples, após algumas aulas surgiu a necessidade de acrescentar mais elementos pelo que acrescentei a Posição Angular de Força e a Posição Sentado de Membros Inferiores Afastados. Para um grupo de nível mais elevado foi preciso acrescentar elementos mais complexos pelo que introduzi para este grupo a Saída à frente; na Barra Fixa, como era uma matéria que tinha sido apenas ligeiramente abordada em anos anteriores, os seus resultados na avaliação diagnóstica foram mais fracos. Deste modo, preparei objetivos também mais simples inicialmente como a Subida simples, os Balanços e a Saída simples e com o decorrer das aulas e a evolução de alguns alunos acrescentei outros objetivos como a Subida de frente, o Rolamento à frente, as Cambiadas e a Saída à Retaguarda. A necessidade de reajustar os objetivos da Unidade Didática de Futsal surgiu devido à entrada de várias alunas da turma para equipas de Futsal da região onde desenvolveram muito as suas capacidades alterando o seu nível inicial obtido na Avaliação Diagnóstica.

Contudo, também aconteceu o contrário. Por exemplo na modalidade de Ténis, tinha objetivos que tive que suprimir, como o Vólei, após verificar a fraca evolução dos alunos ao longo das aulas.

Isto reflete o que referi antes relativamente às Unidades Didáticas serem uma base para as aulas e poderem sempre sofrer alterações depois de serem postas em prática.

Nas várias componentes da realização já referidas anteriormente (instrução, gestão, clima, disciplina e decisões de ajustamento) a evolução foi igualmente gradual.

Numa fase inicial, todas as etapas pareciam complicadas... Uma boa instrução requer certezas sobre o que se está a falar, um “à vontade” que inicialmente não existia, precisamente pela falta de experiência. Após algumas aulas essa situação foi rapidamente superada. Comecei a sentir-me mais confortável na presença dos alunos e na forma de falar com eles e, conseqüentemente, as instruções passaram a ser muito mais fluídas, claras e curtas o que foi óptimo para uma melhor gestão do

tempo de aula reduzindo o tempo passado nessas ações e potenciando o tempo de aprendizagem dos alunos.

No que toca à gestão e à organização das aulas também evolui gradualmente com o passar de cada aula. Inicialmente não planeava a transição entre cada exercício, o que, muitas vezes, criou algumas perdas de tempo. Com a experiência e, mais uma vez, com os feedbacks dados pelo orientador, aprendi que esse planeamento era fundamental para o bom funcionamento da aula.

A gestão eficaz de uma aula reflete-se no elevado índice de envolvimento dos alunos nas aulas, na redução do número de comportamentos inapropriados e no uso eficaz do tempo de aula. Foi neste sentido que criei as rotinas nos alunos, os sinais, que já referi anteriormente, e que se demonstraram de extrema utilidade.

Penso que no que diz respeito ao controlo dos comportamentos dos alunos podia ter sido mais firme e assertiva e não permitir tantas oportunidades de descontração destes dentro das aulas. Sou a favor do já bem antigo ditado popular de que “não é com vinagre que se apanham moscas, mas sim com mel”, e foi nesse sentido que não pretendi ser demasiadamente severa com eles dando sempre espaço a uma ou outra brincadeira para “quebrar o gelo”.

“Uma boa relação professor-aluno é um importante trunfo na gestão da sala de aula, pois os alunos dão uma enorme importância à pessoa do professor e, no campo disciplinar, o “gostar” ou “não gostar” do professor pode fazer a diferença, pode significar “ganhar ou não os alunos”. Estabelecer relações interpessoais positivas implica disponibilidade para ouvir os alunos, para se aproximar deles, ser afectuoso, empático, inspirar confiança, mas também ter humor, ser calmo na abordagem dos problemas, respeitar o aluno, isto é, confiar nele e não o humilhar, tudo isto com a dose de firmeza necessária para fazer cumprir as decisões tomadas.” Santos, B. (sd) Posso desde já afirmar que as minhas aulas decorreram sempre num ambiente bom e agradável tanto para os alunos como para mim e sinto que fui sempre respeitada pelos alunos como professora, contudo, como comecei a referir neste parágrafo, podia ter sido uma figura um pouco mais autoritária não deixando sobressair demasiado o lúdico acima do ambiente de trabalho efetivo das aulas.

Durante este ano, aprendi muito sobre as Avaliações, como e quando devem ser feitas e quais as melhores estratégias para as executar. Para avaliar os alunos foi necessária a criação de grelhas com os critérios de êxito predefinidos, fáceis de

preencher para que conseguíssemos ao mesmo tempo avaliar cada aluno e manter a atenção constante na restante turma. A criação das primeiras grelhas revelou-se de alguma dificuldade porque não era fácil determinar quais os critérios de êxito a ser abordados bem como que critérios de êxito seriam possíveis observar ao longo da aula. Para a aplicação das grelhas, nas primeiras avaliações, foi de igual dificuldade a escolha dos exercícios mais adequados à avaliação para os quais foi necessário um planeamento bem pensado.

5.2. Inovação nas Práticas Pedagógicas

Partindo do princípio que os alunos estão em fim de ciclo e que deram praticamente as mesmas modalidades em todos os anos, é de prever que estes sintam já alguma desmotivação face a cada uma delas. Partindo ainda do princípio que alguns professores, mais antigos, não se esforçam por inovar as aulas e não arriscam objetivos mais altos para os alunos, pretendi em todas as unidades didáticas captar a atenção do aluno mostrando-lhe coisas novas e inculcando neles a motivação de que careciam e a vontade de querer chegar mais além.

Esta situação foi mais evidente nas Unidades Didáticas de Ginástica de Solo e Aparelhos e na de Badminton. Logo no questionário feito no início do ano, a grande maioria dos alunos apontava a Ginástica como a modalidade de que menos gostavam exprimindo motivos que variavam entre o “não gosto porque não tenho jeito” e o “não gosto porque não gosto”. Após algumas conversas mais informais, os alunos acabaram por confessar que outra das razões para não gostar de Ginástica é porque esta era muito monótona e todos os anos faziam as mesmas coisas.

Neste sentido, e uma vez que a Ginástica é a “minha área”, tentei trazer algo de novo para ensinar, algo que os motivasse e que fugisse à rotina das aulas de Ginástica da qual estavam fartos. Tanto para a Ginástica de Solo como para a de Aparelhos, mostrei um vídeo aos alunos que apresentava alguns atletas a realizar as mesmas ações que eles iriam aprender. Esta experiência revelou-se de grande eficácia inculcando nos alunos uma nova visão sobre a Ginástica e uma nova motivação na tentativa de superar as suas dificuldades. Para além dos vídeos, nas aulas, sempre que necessário, demonstrava eu aos alunos o que pretendia que fizessem uma vez ser o modelo mais aproximado da realidade. Sem me aperceber,

o facto de verem a sua professora a realizar os exercícios também os motivou a darem o seu melhor e a respeitar as minhas indicações e feedbacks. Para a avaliação sumativa da Ginástica de Solo, preparei os alunos para que apresentassem um esquema construído por eles e que escolhessem uma música para a sua realização. Para a realização das sequências, construí um praticável com a maioria dos colchões existentes. Tudo isto eram novidades para eles o que contribuiu para a mudança de pensamento relativamente à modalidade e para a motivação e empenho diários.

Para inovar a Ginástica de Aparelhos, elevei os objetivos a atingir pelos alunos e apresentei-lhes um novo aparelho, as paralelas, que os alunos afirmaram nunca ter experimentado. Na barra fixa para além dos balanços que era o pouco que lhes era exigido em anos anteriores, propus-lhes a subida de frente e as cambiadas a que a maioria dos alunos reagiu com grande êxtase. No mini-trampolim a inovação foi na introdução ao mortal para o qual todos os alunos estavam cheios de vontade para experimentar e na trave também introduzi conteúdos diferentes dos que eles estavam habituados como a vela e a subida lateral na trave após a saída desta a meio de uma sequência. Para todas as aulas, uma vez que decorriam em estações, levei impressas algumas folhas com os gestos a realizar em cada uma delas permitindo aos alunos saber sempre o que tinham que fazer em cada estação e libertando-me para circular entre estações e manter ciclos de feedbacks.

Já a postura dos alunos relativamente ao Badminton era quase a mesma. A reacção que obtive dos alunos na primeira aula de Badminton foi “isto é uma seca”. Mais uma vez, revelou-se necessário para mim criar formas de cativar os alunos para a modalidade. A solução foi acrescentar sempre a noção de competição a todos os exercícios propostos e resultou na perfeição. Logo a partir da segunda aula com esta estratégia os alunos mantiveram-se muito ativos nas aulas e afirmaram que não esperavam que o Badminton pudesse ser tão dinâmico. Aproveitando o entusiasmo dos alunos ainda os mandei ver em casa vídeos de competições de Badminton profissionais.

5.3. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

Uma vez que foi uma experiência sem precedentes, poderia dizer que senti dificuldades em tudo, no entanto, o caso também não foi assim tão grave.

Desde o início que assumi rapidamente a responsabilidade que iria ter como docente de uma turma, sabia que esta iria depender somente de mim apesar do Prof. Jacinto estar presente em todas as aulas e que tudo o que aprendessem ou desaprendessem neste ano proviria de mim. Inicialmente tinha algum receio do primeiro contacto com a turma, não sabia se iria conseguir impor-me como sua professora e impor o devido respeito. Estes, receios por antecipação uma vez que após a primeira e a segunda aula constatei que isso não iria ser problema.

No que toca ao Planeamento, houve algumas dificuldades iniciais no grupo para a elaboração dos documentos requeridos. No Plano Anual, foi de grande dificuldade a periodização das matérias a lecionar ao longo do ano letivo, bem como a seleção dos objetivos para as mesmas uma vez que ainda não tínhamos dados sobre o nível dos alunos em cada uma delas. Como nesta escola se privilegia a avaliação diagnóstica para todas as matérias no início do ano, esta dificuldade foi rapidamente superada. Nos primeiros planos de aula também senti algumas dificuldades, mais concretamente na criação de exercícios motivantes propícios ao ensino do que pretendia. Aconteceu várias vezes a criação de exercícios que quando planeados me pareciam perfeitamente adequados ao que eu pretendia e na prática isso não se reviu, ou seja, não é que o exercício tenha corrido mal, o problema é que não servia para ensinar o que eu pretendia. Uma destas falhas aconteceu numa aula de Badminton assistida pelo Prof. Miguel Fachada que me chamou a atenção para o exercício que tinha escolhido para ensinar o serviço curto.

Para a realização dos planos de aula foram de extrema utilidade a extensão e sequência de conteúdos bem como as progressões pedagógicas criadas inicialmente nas Unidades Didáticas nas quais me apoiei para todos os planos.

Não podia deixar de referir aquilo que para mim se revelou a maior dificuldade de todas: a interação com o aluno com NEE e a sua integração nas aulas com a restante turma. Não tendo qualquer formação prévia para lidar com esta situação foi muito complicado para mim conseguir criar exercícios adaptados às suas limitações mas mais ainda criar exercícios em que o pudesse integrar com os demais alunos.

Para lidar com a situação, fiz bastante pesquisa relativamente à integração de alunos com deficiência mas com pouco resultado.

Estas dificuldades contudo não se devem somente à minha falta de experiência mas sim a um conjunto de fatores externos sobre os quais não tenho controlo. Deste assunto falarei mais detalhadamente no capítulo 6 onde aprofundarei esta problemática.

Especificamente nas aulas das Unidades Didáticas de desportos coletivos como o caso do Basquetebol e do Futsal, uma grande dificuldade minha foi a transmissão de feedbacks durante as situações de jogo. Como não me sentia completamente à vontade com as modalidades, mesmo após um estudo afincado das Unidades Didáticas, não conseguia agarrar as oportunidades certas para a atribuição dos feedbacks. Isto resultou que em várias situações do género eu tenha passado muito tempo calada deixando o jogo decorrer sem o conseguir interromper. Para colmatar esta minha dificuldade, em algumas aulas, reunia os alunos no fim do jogo para questionar algumas das suas ações tentando assim dar feedbacks através do questionamento.

Algo que sempre foi de algum modo complicado foram os relatórios críticos das observações e dos planos de aula. O desenvolvimento de uma perspectiva crítica sobre as ações observadas e a transferência disso para palavras foi sempre um pouco difícil. Observar é fácil, analisar não tanto. É complicado analisar criticamente as aulas dos colegas, mas analisar criticamente as minhas aulas não foi assim tão difícil. Sempre consegui ter um espírito crítico e sempre soube dizer onde errei e porquê e o que poderia ter feito para evitar esse erro.

6. APROFUNDAMENTO DE UM TEMA-PROBLEMA

Após uma reflexão acerca das várias situações novas com que me deparei este ano enquanto estagiária, cheguei à conclusão que a situação que me causou maior impacto foi a inclusão/integração de um aluno com necessidades educativas especiais, numa turma dita “normal”.

No sentido de compreender melhor a necessidade da escola em integrar estes alunos em turmas, os benefícios e desvantagens desta integração para ambos os alunos (NEE e não-NEE) bem como obstáculos ao cumprimento da mesma, decidi

que era de grande importância o estudo do tema no geral: Inclusão ou Integração dos alunos NEE na escola; e mais particularmente: Inclusão/Integração dos alunos NEE nas aulas de Educação Física, uma vez que é esta a realidade com que me deparo diariamente.

Para isso é necessário compreender o que é a integração/inclusão, enquadrar o tema com o direito à educação de todas as crianças, é necessário conhecer quais os tipos de deficiências que podemos encontrar na escola entre outras questões. De uma forma mais pessoal, abordarei o tema com um estudo de caso, procurando responder à questão: Beneficiarão todas as crianças com a integração de um aluno com deficiência mental profunda?

6.1. Direito à Educação

A inclusão tem sido um conceito muito distorcido nos dias de hoje, tanto pela educação como pela sociedade. No entanto, uma vez que todas as crianças têm direito à educação, como referido na Declaração Universal de Direitos Humanos, inserir alunos com deficiência no ensino regular nada mais é do que garantir os seus direitos.

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado pela Declaração sobre Educação para Todos. Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma da educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos.

Segundo a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem; cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem diferentes, individuais; as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através de uma pedagogia que vá de encontro a essas necessidades.

“Os Estados devem reconhecer o princípio segundo o qual deve proporcionar-se às crianças, jovens e adultos com deficiência igualdade de oportunidades em matéria de ensino primário, secundário e superior num contexto integrado. Os Estados devem ainda garantir que a educação das pessoas com deficiência seja parte integrante do sistema de ensino.

- Compete às autoridades responsáveis pelos serviços de educação assegurarem a educação das pessoas com deficiência numa perspectiva de integração. A educação dirigida às pessoas com deficiência deve fazer parte integrante do planeamento educativo nacional, do desenvolvimento curricular e da organização escolar;
- A educação das pessoas com deficiência em estabelecimentos regulares de ensino pressupõe a existência de serviços de intérpretes de língua gestual e de outros serviços de apoio adequados. Condições de acessibilidade e serviços de apoio devem ser garantidos, de forma a dar resposta às necessidades de pessoas com diferentes deficiências;
- As associações de Pais e as organizações de pessoas com deficiência devem ser envolvidas no processo educativo, a todos os níveis.
- Nos Estados em que o ensino é obrigatório, este deve ser ministrado a crianças e jovens deficientes de ambos os sexos, independentemente da natureza e gravidade da sua deficiência.” (Normas Sobre Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiência, Nações Unidas, 1996).

De acordo com Leitão, F & Morato, P. (1983), existem vários níveis de integração: física, funcional e social. Por integração física entende-se que as classes especiais se localizam no mesmo complexo escolar juntamente com as escolas primárias e secundárias. A integração funcional significa que as crianças com deficiências mentais e as outras usam as mesmas instalações, frequentam o mesmo refeitório e algumas vezes encontram-se em atividades como educação física, educação musical, etc. A integração social pressupõe que as crianças dos dois grupos se aceitam mutuamente de forma de iniciam atividades em conjunto sem apoio de adultos. Neste sentido é preciso distinguir que tipo de integração prevalece na escola e não partir do pressuposto que qualquer integração envolve tudo isso.

6.2. Conceitos Essenciais

Antes de aprofundar o tema, é necessário definir conceitos evitando algumas confusões criadas *a priori* em torno de alguns. Dentro das necessidades educacionais especiais não existem apenas crianças com deficiências motoras, nem apenas deficiências mentais, nem apenas situações extremas. Existe sim, todo um enorme conjunto de crianças com lacunas bastante diferentes umas das outras.

Assim, o conceito de NEE abrange não só crianças e jovens com deficiências motoras e cognitivas mas também com outros tipos de dificuldades, ou seja, inclui tanto crianças sobredotadas como com dificuldades de aprendizagem, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças pertencentes a minorias étnicas ou de famílias nômadas, crianças com problemas de comportamento ou problemas de ordem emocional. (UNESCO, 1994).

Apesar do conceito NEE abranger toda esta variedade, o trabalho aponta apenas para crianças com deficiência. A partir daqui, é importante perguntar: o que é uma criança com deficiência? Que preparação prévia devem ter os Professores para lidar com estas crianças? É viável a integração de crianças com qualquer tipo de deficiência nas aulas de Educação Física? E será benéfica para ambas partes esta integração? As duas últimas perguntas surgiram-me após a minha experiência de estágio na turma de 9ºano com 13 alunos ditos “normais” e 2 alunos com NEE, e é com base nesta experiência que vou desenvolver esta problemática.

6.3. Estudo de Caso

“A perspectiva de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais vai de encontro a um processo de formação profissional lacunar no que diz respeito à confrontação dessa situação que muitas vezes representa uma novidade tão complexa quanto ímpar na atuação profissional do professor.”

(Cruz, G., Razente, D., Mangabeira, E.)

No primeiro dia de aulas, devo confessar que me encontrava bastante nervosa porque era uma situação nova para mim estar responsável por uma turma. Após mútua apresentação, entrou na sala de ginástica o João (nome fictício), o aluno

NEE, e aí começou o pânico... Eu não estava preparada para lidar com um aluno com deficiência, não conhecia as suas dificuldades, nem tinha tido formação alguma que me pudesse auxiliar nesta situação.

“Professores e estudantes de educação física podem ter vontade e estarem motivados em ensinar alunos com deficiência, mas muitas vezes essa predisposição é barrada quando este se defronta com as reais condições.” (Palla, A.; Castro, E., 2004)

A única coisa que sabia era que, ao longo de todo o ano letivo, tinha que arranjar sempre exercícios adequados para o João bem como exercícios em conjunto com a turma.

Contextualizando, vou tentar fazer uma descrição do João, das suas capacidades e dificuldades: O João é um rapaz de 15 anos, obeso, com dificuldades de locomoção (joelhos e pés direccionados para dentro), com movimentos bastante reduzidos (não consegue fazer gestos precisos), com uma capacidade de reacção muito lenta (não consegue apanhar uma bola se lha atirmos, mesmo que devagar e mesmo que esta seja grande e leve), sem capacidade de concentração, com profundas dificuldades cognitivas, não consegue falar (apenas faz sons e gestos), baba-se constantemente, é muito teimoso e preguiçoso e muitas vezes apresenta-se com uma falta de higiene incomodativa (mau cheiro). Resumindo, o aluno tem uma deficiência mental aguda/grave.

Crianças com deficiência mental aguda/grave, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) e a CID.10 (Classificação Internacional de Doenças), “fundamentalmente necessitam que se trabalhe para instaurar alguns hábitos de autonomia, já que há probabilidade de adquiri-los. Sua capacidade de comunicação é muito primária. Podem aprender de uma forma linear, são crianças que necessitam revisões constantes.” São portanto crianças que necessitam de atenção constante.

Na turma existe outra aluna NEE, esta que apresenta algumas dificuldades de aprendizagem, ou seja, é necessário explicar-lhe várias vezes os exercícios, executa tudo o que lhe é pedido e com alguma qualidade não representando portanto nenhum problema.

Passo então a descrever os restantes elementos da turma de forma mais geral: Desta turma de 9ºano fazem parte mais 6 raparigas e 7 rapazes, todos eles com

idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos. É uma turma muito animada e heterogênea, ou seja, há alunos com grandes capacidades físicas (notas de 5 a EF) e outros com menos, alunos com grandes capacidades mentais (notas de 5 a disciplinas teóricas) e outros com menos.

Contudo, e apesar de conviverem com colegas com deficiências diariamente e há vários anos (encontram-se em fim de ciclo), têm uma mentalidade bastante limitada no que concerne à convivência com estes.

Ao longo das aulas, ouvi coisas como: “Oh stora mande o João calar-se, já me está a irritar!”; “Ó João parece que és def.”; “Oh stora que nojo, o João está todo babado”; “Que nojo, o João tocou-me”, entre outras coisas...

Ao longo das aulas tive situações em que tentava incluir o João em exercícios de aquecimento, dou o exemplo de um jogo como o conhecido “Lencinho” em que os alunos, sempre que eu chamasse um número, os alunos correspondentes deveriam ir ao círculo do meio campo (onde me encontrava com o João), tocar-lhe e correr para a baliza. Após alguns números, os toques no João passaram a empurrões e quando dei conta, tive que me contorcer para evitar que ele caísse em peso ao chão, caindo assim sobre mim. A partir desta situação, retirei o João do jogo. Uma tentativa de integração falhada.

Outro exemplo foi no decorrer da Unidade Didática de Basquetebol. Aqui como aquecimento, tinha o jogo dos 5 passes, em que os alunos teriam que passar a bola entre si e um dos 5 passes tinha que ser pelo João. Uma vez que a regra era “não tirar a bola ao João, mas sim esperar que ele a passasse”, os alunos começaram a ficar exaltados com a demora deste e eventualmente começaram a arrancar-lhe a bola das mãos. Mais uma tentativa falhada.

Ainda outro exemplo, desta vez na Unidade Didática de Atletismo em que a matéria era o Triplo Salto. Como aquecimento, os alunos formavam 2 equipas que partiam da mesma linha e tinham que chegar à “meta” mais depressa que a equipa adversária. O caminho até essa meta era com vários arcos espalhados pelo chão sobre os quais os alunos teriam que saltar apenas com um pé. Para dificultar o processo, eu e o João, aleatoriamente, ocupávamos um dos arcos, impedindo a passagem dos alunos pelo mesmo. Desta vez, o problema não residiu na turma, mas sim no próprio João que decidiu que não queria participar e não o consegui convencer ao contrário. Outra tentativa de integração falhada.

A situação do João torna-se mais complicada com mais alguns fatores extra, ou seja, fatores que não posso controlar. Como se não bastasse a falta de concentração e empenho do mesmo, às Segundas-feiras apresenta-se sempre muito sonolento. Várias vezes foi necessário segurá-lo porque ele, literalmente, adormecia em pé. A causa disto é-me alheia. Segundo algumas funcionárias da escola, o motivo desta sonolência às Segundas-feiras resulta do excesso de medicação que os pais do aluno lhe dão durante o fim-de-semana. Os pais foram avisados, mas a situação nunca se reverteu. Se já era complicado trabalhar com ele noutras circunstâncias, nestes dias é praticamente impossível. Por outro lado, era suposto estar sempre presente nas aulas a professora do Ensino Especial para me auxiliar nos exercícios programados para o João, uma vez que ele requer atenção constante, contudo isso deixou de se verificar após as primeiras aulas. Algumas vezes a professora levava o João ao pavilhão e depois ausentava-se, outras vezes era uma funcionária que o levava.

Nem sempre a professora tinha disponibilidade para estar presente nas aulas e ajudar, muitas vezes estava sozinha com a turma de Ensino Especial e era necessária a sua presença na sala desta, outras vezes era requisitada para ajudar nos almoços dos restantes alunos da Classe do Ensino Especial.

Todos estes fatores que escapam ao controlo do professor dificultam o processo de integração do aluno nas aulas. Não que defenda que a integração/inclusão de todos os alunos com deficiência mental seja impossível, defendo sim que nem todas as situações são iguais e que em alguns casos essa integração é possível e menos complicada e noutros casos é muito dificultada prejudicando assim o normal funcionamento da aula e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem, tanto para o aluno NEE como para o resto da turma.

Não podemos fechar os olhos e acreditar que integração é “despejar” o aluno com deficiência mental grave numa aula de Educação Física e esperar que apenas isso seja suficiente e benéfico para todos os intervenientes. Tem que haver condições favoráveis à integração, quer da parte do aluno em si e das suas capacidades, quer da parte da formação do professor e ainda da parte dos fatores externos que referi.

Temos que ser realistas e ter consciência que todos os alunos são diferentes, que as doenças mentais têm graus diferentes, que os alunos têm personalidades

diferentes e conseqüentemente a integração não pode resultar de igual forma para uns e para outros.

Num estudo realizado em 2007 por Nogueira, J. e Rodrigues, D. relativamente ao impacto da escola especial e da escola regular na inclusão social e familiar de jovens portadores de deficiência mental profunda, foram comparados dois grupos de 5 alunos cada, com deficiência mental profunda em que um grupo frequentava uma instituição de educação especial e o outro uma escola de ensino regular. A intenção era verificar se o modelo educativo que frequentam influenciava a inclusão comunitária e proporcionava um melhor apoio às famílias. Os dados recolhidos sugeriram que não havia vantagem em qualquer dos modelos. Isto significa que não é melhor a educação numa instituição especial nem na escola regular, ambas têm os seus benefícios e as crianças desenvolvem capacidades em qualquer uma delas. A minha proposta para crianças como o João, com o qual tive contacto ao longo de todo este ano, não é acabar com a tentativa de inclusão mas sim a criação de tempo específico de trabalho apenas para o seu desenvolvimento. Como o João não tem capacidade para trabalhar sozinho no tempo em que tenho que “dar atenção” ao resto da turma, o seu desenvolvimento fica impossibilitado. Com isto pretendia-se que desenvolvesse capacidades de que realmente necessitasse para o dia-a-dia facilitando também assim a vida dos pais. Para trabalhar a inclusão, criava-se uma hora, à semelhança das “oficinas” existentes na escola, em que os alunos da escola se voluntariavam para fazer algumas atividades em conjunto com os alunos com deficiência. Assim, não corríamos o risco de ter alunos com mentalidades infantis a prejudicar a sua inclusão social mas sim alunos dispostos a ajudar com outra disposição.

Ganhava o João e ganhavam os restantes alunos que adquiriam sensibilidade, respeito e uma noção de civismo para com pessoas com deficiências completamente diferente.

7. IMPACTO DO ESTÁGIO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Algo que teve grande impacto na escola foi o ambiente alegre e animado transmitido pelo Núcleo de Estágio a toda a comunidade. Desde o primeiro dia que partilhámos a nossa boa disposição com toda a gente e a resposta foi a mesma. Isto contribuiu para um ambiente mais confortável na escola tornando-a como a nossa segunda casa. Para todos os funcionários, professores e alunos deixámos de ser vistos como “estranhos” e rapidamente passámos a fazer parte da família.

As duas atividades organizadas pelo Núcleo também proporcionaram um envolvimento ativo da comunidade escolar, ora em organização ora em participação. Na primeira atividade do Street Basket 3x3, contamos com a participação de cerca de 70 alunos, com 9 alunos em função de árbitros, com a ajuda na organização dos restantes professores do Grupo de EF e ainda com a participação do Grupo de Cantares da escola, pertencente ao grupo de Música.

Na segunda atividade a “1ª Corrida da Ascensão”, totalmente criada de raiz por nós, pretendemos alargar o público-alvo e abrimos inscrições para funcionários, professores, pais e irmãos dos alunos. A adesão foi de cerca de 90 participantes! Com a intenção de alargar a atividade para fora dos muros da escola e integrar a comunidade envolvente, criámos um percurso que se embrenhava nas vilas envolventes e inserimo-la no cartaz da comissão de festas da Festa da Ascensão.

Para além das atividades organizadas por nós ainda integrámos uma equipa de Futsal para o jogo entre professores e alunos no último dia do 1º período, atividade esta que mobilizou toda a comunidade escolar para ver e apoiar tanto professores como alunos tornando-se uma atividade de convívio muito divertida.

Pessoalmente, eu fui contactada pelas professoras do ATL da escola para dirigir um Workshop de dança integrado nas comemorações do Dia da Mãe, para o qual demonstrei disponibilidade imediata. Esta atividade foi extremamente compensadora para mim uma vez que dela obtive feedbacks muito positivos por parte das mães, das professoras do ATL e dos alunos que participaram. As mães inclusive sugeriram às professoras do ATL que gostariam de repeti-la todas as semanas.

8. CONCLUSÃO

“Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”.

(Fernández, 1991)

De forma a finalizar este relatório final de Estágio é importante relatar de uma forma mais pessoal, a sua contribuição. Este Estágio Pedagógico foi para mim uma experiência fundamental e extremamente recompensadora. Sinto com toda a certeza que aprendi com os melhores e que estes me ajudaram a crescer como profissional da docência.

Não vou dizer que tudo foi um “mar de rosas”, estaria a mentir. Houve momentos bons e momentos menos bons. Para superar os momentos menos bons foi preciso “engolir muitos sapos”, aceitar opiniões com que não concordava mas no fim até tinham a sua razão de ser. Para os momentos bons também foi preciso descer do céu e colocar os dois pés na terra, porque se em algum momento achamos que já sabemos tudo, estamos a regredir no processo que nos levará a ser bons professores.

Inicialmente os nervos superavam qualquer expectativa, tinha medo de não conseguir impor respeito na turma, de não conseguir controlá-los, de não conseguir transmitir-lhes os conhecimentos e as capacidades necessárias para o alcance dos objetivos determinados. Resumindo, tinha medo de não conseguir cumprir com o meu papel de Professora de Educação Física.

Felizmente, esse medo rapidamente se dissipou com o passar das aulas e agora nesta fase final posso afirmar com toda a certeza que ensinei os meus alunos da melhor forma que me foi possível tendo em conta a minha falta de experiência nesta fase de Estagiária.

Neste momento, sinto-me capaz de estar responsável por qualquer turma e de lhes transmitir, tal como fiz este ano, todos os conhecimentos necessários à sua evolução em qualquer matéria programada.

Contudo, sei que a minha formação como professora não termina aqui, isto é apenas um começo. A nossa formação tem que ser contínua, porque aprender é um processo contínuo e é preciso aprender para ensinar.

Termino com uma citação de Murcho, D. (2007): “Uma condição necessária para um ensino de qualidade é o domínio das matérias que o professor tem de leccionar. Outra condição necessária é a sensibilidade e formação pedagógica. Nenhuma das duas, nem as duas conjuntamente, são condições suficientes — porque o ensino é muito mais do que isso.”

9. BIBLIOGRAFIA

- Aranha, M. S. (2004). *Educação Inclusiva: Transformação Social ou Retórica?* Marília, SP: Fundepe Publicações.
- Cruz, G., Razente, D., & Mangabeira, E. (Julho-Dezembro de 2003). *Considerações de Professores de Educação Física Sobre o Atendimento de Alunos de Classes Especiais Inseridos em Ambientes Educacionais Sob a Perspectiva da Inclusão*. Revista Brasileira de Educação Especial, pp. 211-226.
- Cunha, A. (2008). *Ser Professor - Bases de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Decreto-Lei n.º3/2008 de 7 de Janeiro. *Diário da República*, 1.ª série - N.º 4. Ministério da Educação. Lisboa
- FENPROF. (s.d.). *FENPROF - Ética Profissional*. Obtido em 2012, de FENPROF: <http://www.fenprof.pt/?aba=27&cat=165&doc=489&mid=115>
- Formosinho, J. (1992). O Dilema Organizacional da Escola de Massas. *Revista Portuguesa de Educação*, pp. 53-86.
- Hargreaves, A. (1998). *Os Professores em Tempos de Mudança*. Canadá: Mc Graw Hill.
- Januário, C. (1994). A Influência da Experiência Profissional nas Decisões Pré-interactivas e no Comportamento Interactivo do Ensino. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, pp. 61-78.
- Kant, I. (1960). *Fundamentação Metafísica dos Costumes*. Lisboa. Edições 70
- LEI Nº 9.696, DE 1 DE SETEMBRO DE 1998. *177º da Independência e 110º da República*. Brasília
- Leitão, F., & Morato, P. (1983). *Educação Física Especial - Deficiência Mental. Deficiência Mental e Integração Escolar*. Cruz Quebrada: Universidade Técnica de Lisboa.
- Melchior, M. C. (1994). *Avaliação Pedagógica: função e necessidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Murcho, D. (2007). *Um falso dilema*. Obtido de: <http://dererummundi.blogspot.pt/2007/04/um-falso-dilema.html>

- Nogueira, J., & Rodrigues, D. (2007). Avaliação do impacto da escola especial e da escola regular na inclusão social e familiar de jovens portadores de deficiência mental profunda. *Revista Educação*.
- Oliveira, M. (2002). *A Indisciplina em Aulas de Educação Física*. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu.
- Palla, A., & Castro, E. (2004). Atitudes de Professores e Estudantes de Educação Física em Relação ao Ensino de Alunos com Deficiência em Ambientes Inclusivos. *Revista da Sobama*, pp. 25-34.
- Postic, M. (1991). Da Análise das Dificuldades dos Alunos na Aula à Transformação das Práticas Educativas. *Revista Inovação*, pp. 49-60.
- Santos, B. (sd). Gestão da Sala de Aula para Prevenção da Indisciplina: Que competências? Que formação?. Escola Secundária Fernando Lopes Graça. Parede.
- Siedentop, D. (1998). *Las Estratégias Generales de Enseñanza. Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE.
- Simões, A. (Juho de 1998). *Avaliar?* Obtido de <http://www.prof2000.pt/USERS/folhalcino/formar/outros/avaliar.htm>
- Sobral, F. (1976). *Para uma Teoria da Educação Física*. Lisboa: Diabril Editora.
- UNESCO (1994). Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção: Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: Unesco.
- Vallejo, P. (1976). *Manual de Avaliação Escolar*. Coimbra: Almedina.

10. ANEXOS

10.1. Plano de Aula

Ano/Turma: 9ºB	Período: 1º	Data: 19/09/2011	Hora: 12h00	Duração: 45min
Nº Aula: 1	Nº Aula da U.D.: -	Nº Alunos: 15	U. Didática: -	
Objetivos da Aula: Apresentação, dar a conhecer as regras da disciplina e as matérias a lecionar no ano			Função Didática: -	
Espaço:		Material: 1 bola de andebol	Prof.: Marisa Amaral	

	Tempo		Objetivos específicos/ Conteúdos	Descrição/Esquema	Objetivos operacionais/ Critérios de êxito
	TT.	TP.			
Parte Inicial	5'	5'	- Fazer a chamada.	- Alunos sentados em frente ao professor em meia-lua de forma a ficarem todos visíveis.	- Os alunos escutam o professor e colocam as dúvidas que quiserem.
	15'	10'	- Apresentar o professor aos alunos e os alunos ao professor.	- Jogo da bola para apresentação: O professor com uma bola de andebol lança-a para cada aluno à vez. Ao receber a bola, o aluno apresenta-se (nome, idade, desporto que mais gostam e menos gostam) e devolve a bola ao professor.	- Os alunos apresentam-se.
Parte Fundamental	17'	2'	- Apresentar as matérias a lecionar durante o ano letivo e a avaliação.	- Dar a conhecer aos alunos as matérias que serão abordadas ao longo do ano bem como a avaliação.	- Os alunos ouvem o professor e colocam as suas dúvidas.
	27'	10'	- Regras de funcionamento da disciplina	- Diálogo com os alunos sobre as regras de funcionamento da disciplina e das instalações.	- Os alunos ouvem e respondem às perguntas do professor.
	37'	10'	- Estabelecer relações com os alunos	- Entrega de um questionário para caracterizar e conhecer a turma bem como de um questionário sociométrico.	- Os alunos respondem ao questionário brevemente na aula.
Parte Final	45'	8'	- Informar os alunos sobre a próxima aula.	- Dar a conhecer aos alunos o que se tratará na aula seguinte bem como o material necessário.	- Os alunos ouvem e colocam questões.

10.2. Ficha de Registo

ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DE S. Silvestre

AVALIAÇÃO - EDUCAÇÃO FÍSICA – 1º PERÍODO

DOMÍNIO SOCIO-AFECTIVO (Saber Estar) (__ %)

DOMÍNIO PSICOMOTOR (Saber fazer) (__ %)

DOMÍNIO COGNITIVO (Saber) (__ %)

ANO/TURMA: **9ºB**

NOME	DATA																				
	19/09/2011	21/09/2011	26/09/2011	28/09/2011	03/10/2011	10/10/2011	12/10/2011	17/10/2011	19/10/2011	24/10/2011	26/10/2011	31/10/2011	02/11/2011	07/11/2011	09/11/2011	14/11/2011	16/11/2011	21/11/2011	23/11/2011	28/11/2011	
Nº de Aula																					
Unidade Didáctica																					
Nº Alunos na aula																					
1-																					
2-																					
3-																					
4-																					
5-																					
6-																					
7-																					
8-																					
9-																					
10-																					
11-																					
12-																					
13-																					
14-																					
15-																					
16-																					

Exemplos de Observações possíveis:

<p>➔ Domínio Sócio-Afectivo (__ %):</p> <ul style="list-style-type: none"> * Pontualidade/Assiduidade (FP/F) * Comportamento (FC) * Responsabilidade/Material Necessário/Dispensa de aula (FR/FM/FJDA) * Higiene (FH) 	<p>➔ Domínio Psicomotor (__ %):</p> <p>(maximo 3 por aula)</p> <p>+ (cumpriu com sucesso as tarefas da aula)</p> <p>- (não cumpriu com sucesso as tarefas da aula)</p>	<p>➔ Domínio Cognitivo (__ %):</p> <ul style="list-style-type: none"> * Participação oral: NRC: Não respondeu corretamente RC: Respondeu corretamente
---	--	--

10.3. Grelha de Avaliação Diagnostica

Ano / Turma: 8º
 Matéria: Atletismo

Nomes/Critérios	Corrida de Resistência	Lançamento do Peso	Salto em comprimento	Corrida de estafetas

CRITÉRIOS DE EXITO

Corrida de Resistência:

- Equilibra o esforço ao longo da corrida;
- Revela resistência aeróbia;
- Apresenta técnica de corrida correta.

Lançamento do Peso:

- Coloca o peso entre o ombro e o pescoço;
- Lança o peso com as pontas dos dedos;
- Roda sobre si mantendo o equilíbrio.

Salto em comprimento:

- Efetua corrida progressivamente acelerada até à chamada;
- Corre com passadas completas, joelhos altos, tronco direito, cabeça levantada e bacia alta;
- Na chamada mantém o corpo na vertical, cabeça levantada e MS atuam de forma rápida, alternada e coordenada com os MI.
- Na fase aérea realiza a elevação dos joelhos e a extensão dos MI para a frente;
- Fecha o tronco sobre os Mi, movimentando os MS em extensão de cima para a frente e para baixo.


Corrida de Estafetas:

- Entrega o testemunho de forma correta;
- Recebe o testemunho sem o deixar cair, sem parar a corrida.

Níveis:

1	Não executa
2	Executa mal
3	Executa
4	Executa bem
5	Executa na perfeição

10.4. Grelha de Avaliação Sumativa

		Ginástica de Aparelhos																													
9º B Avaliação Sumativa		Mini-trampolim						Barra fixa						Paralelas Simétricas						Trave baixa											
 2011/2012. Prof. Marisa Amaral		Salto em extensão	Salto engrupado	Meia pirueta vertical	Pirueta vertical	Salto de carpa (Ml afiados)	mortal à frente engrupado	0	Subida de frente	Balanco frente/retaguarda, com	Cambeada	Saída simples à retaguarda	#REF!	0	Balanços em apoio de mãos	Subida de báculo comprida	Posição sentado de Ml afiados	Saídas simples à frente e à retaguarda	Deslocamentos	Posição angular de força	0	Entrada a 1 pé	Marcha à frente/retaguarda (na	Meia volta	Salto (gato, pés juntos, gazela)	Equilíbrio (ponta dos pés, avião)	Saída em salto extensão	Saída em rodada	REGRAS	Av. Sumativa	NÍVEL
		1%	1%	2%	2%	4%	10%	5%	10%	2%	10%	3%		5%	2%	5%	3%	5%	5%		2%	2%	2%		2%	2%	5%	10%		100%	
1		3	3	4	3	3	1	4	1	2	1	1		2	3	3	2	3	3		3	4	4		3	5	5	3		43,8	2
2		5	4	4	5	5	1	4	4	3	4	4		2	3	3	2	2	3		4	4	3		3	4	5	4		59,6	3
3		5	5	4	5	5	3	5	5	4	5	4		3	4	4	4	4	4		4	3	3		3	3	5	3		75	4
4		4	4	3	3	5	2	4	3	3	1	3		3	3	3	2	3	3		4	4	3		4	5	5	3		54,4	3
5		4	3	3	3	4	2	4	3	2	1	3		2	3	3	2	2	2		3	3	3		3	4	5	3		48,4	2
6		5	5	4	3	5	3	4	4	4	4	4		5	5	4	5	5	4		4	4	3		3	3	5	3		73,6	4
7																														0	0
8		5	4	4	4	5	2	3	3	4	3	4		4	3	3	2	4	4		4	4	3		4	4	5	3		62	3
9																														0	0
10		3	4	3	3	3	1	3	3	4	3	3		2	3	3	2	3	3		3	3	2		2	3	5	2		50,2	3
11																														0	0
12		4	5	5	4	5	4	4	5	5	4	5		5	5	5	5	5	5		4	4	3		4	5	5	5		82,4	4
13		4	5	4	4	5	5	4	5	4	4	4		4	5	4	5	4	4		3	3	3		3	3	5	5		77	4
14		5	4	4	4	4	2	4	4	4	3	3		4	3	3	2	3	3		3	4	3		4	5	5	3		61,6	3
15		4	5	4	5	5	5	4	5	4	5	4		4	5	3	4	3	3		3	3	3		4	4	5	4		76,6	4
16																															
17		5	4	5	5	5	4	4	4	4	4	4		3	3	3	2	3	4		3	4	3		3	4	5	5		69	3
18																															
Medidas de Avaliação:		1-não execut; 2-executa mal;						3-executa razoavelmente;						4-executa bem;						5-executa muito bem;											
Média		4,3	4,2	3,9	3,9	4,5	2,7		3,77	3,6	3,2	3,5		3,3	3,7	3,4	3	3,4	3,5		3,5	3,6	3		4	5	3,5		52,1		